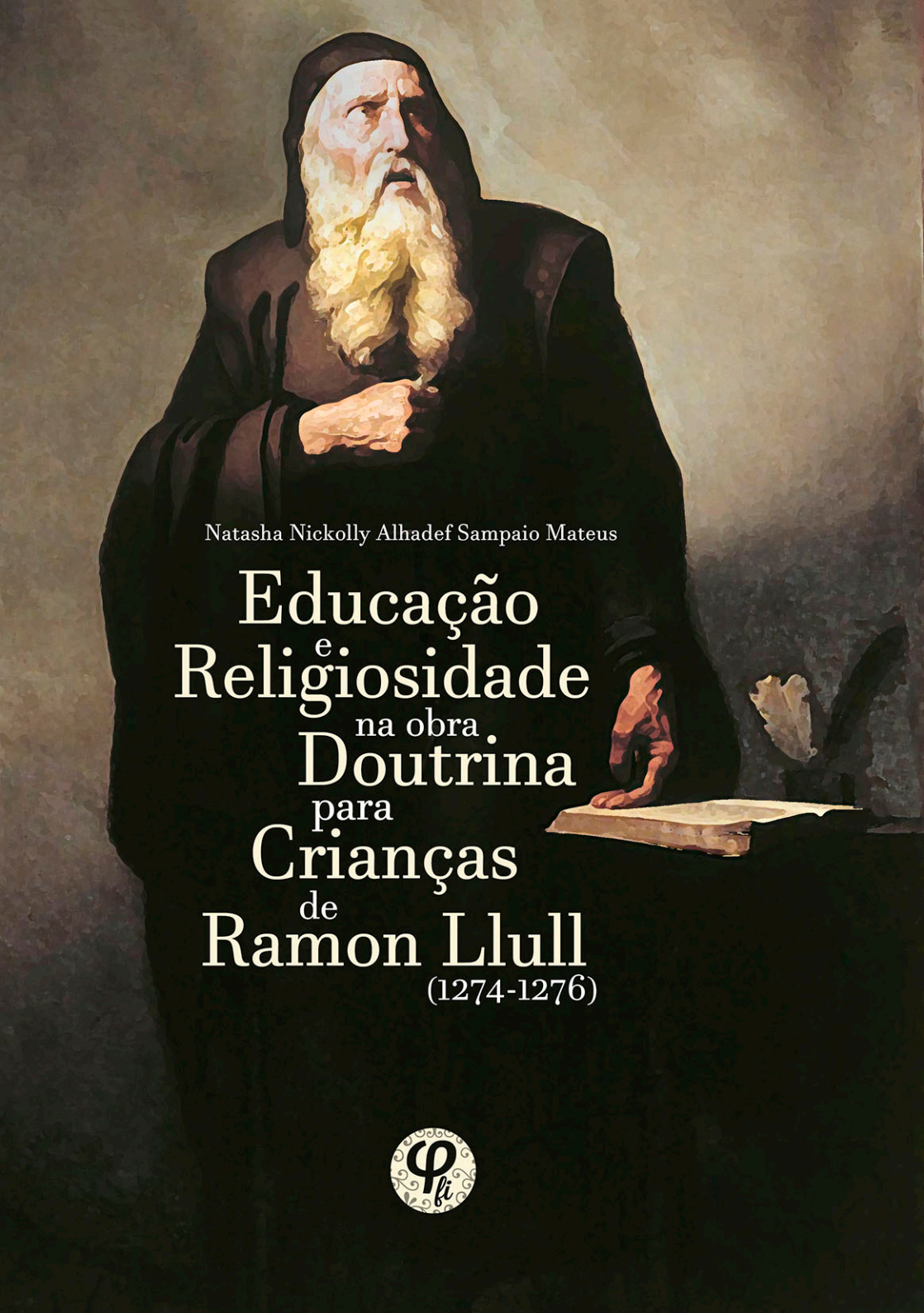


Natasha Nickolly Alhadef Sampaio Mateus

Educação e Religiosidade na obra Doutrina para Crianças de Ramon Llull (1274-1276)

A educação sempre foi uma temática importante para humanidade, embora o conceito e a função não sejam cabíveis para todo o tempo histórico, visto que cada época varia sua concepção de ver o mundo e se comportar diante do mesmo. Porém, na Idade Média o comportamento terreno teve uma direta ligação com o Além, que deveria conduzir o homem a uma finalidade de agradar a Deus. Ramon Llull foi um filósofo catalão do século XIII que elaborou um projeto pedagógico, tendo como objetivo central levar o homem a conhecer o caminho da salvação. Na obra *Doutrina para Crianças*, escrita para o seu filho Domingos por volta 1274, Ramon Llull apresenta os principais elementos para uma boa educação. Mostra como a criança deveria ser preparada para a vida, tentando ensinar como cada indivíduo poderia trilhar um bom caminho, manter uma vida pura, santificada, se distanciando sempre dos prazeres mundanos. Assim para este pensador, o homem foi criado com uma finalidade: amar e temer a Deus, conforme os ensinamentos cristãos.

9 786581 512149

editora fi .org

CC BY SA

Educação e Religiosidade na obra Doutrina para Crianças de Ramon Llull (1274-1276)

Direção Editorial

Lucas Fontella Margoni

Comitê Científico

Prof.ª. Dr.ª Adriana Maria de Souza Zierer
Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

Profª. Dr.ª Ana Lívia Bonfim Vieira
Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

Profª. Dr.ª Júlia Constança Pereira Camêlo
Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

Educação e Religiosidade na obra Doutrina para Crianças de Ramon Llull (1274-1276)

Natasha Nickolly Alhadef Sampaio Mateus

Diagramação: Marcelo A. S. Alves
Capa: Carole Kümmecke - https://www.behance.net/CaroleKummecke

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.

Todos os livros publicados pela Editora Fi
estão sob os direitos da Creative Commons 4.0
https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

http://www.abecbrasil.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
MATEUS, Natasha Nickolly Alhadef Sampaio

Educação e Religiosidade na obra Doutrina para Crianças de Ramon Llull (1274-1276) [recurso eletrônico] / Natasha Nickolly Alhadef Sampaio Mateus -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

99 p.

ISBN - 978-65-81512-14-9

Disponível em: http://www.editorafi.org

1. Idade Média; 2. Ramon Llull; 3. Educação; 4. Religiosidade; I. Título.

CDD: 200

Índices para catálogo sistemático:
1. Teologia 200

Dedico esse trabalho a Niedja Alhadef, aos amigos e a todos que contribuíram para meu crescimento como ser humano e acadêmico.

Agradecimentos

Inicialmente agradeço a Deus. Sem palavras para expressar tamanha gratidão!

A minha querida mãe, Niedja Alhadef. Sem sua renúncia, jamais eu construiria algo. E graças a sua dedicação, tenho conquistado. Espero poder retribuir muiiiiito!!!!

Agradeço ao meu pai, por ter me ensinado desde a infância a trilhar pelo "bom caminho".

A minha linda irmã, Anna Sarah Alhadef, a criança mais doce que já conheci.

Ao meu querido irmão, Yuri Alhadef, meu amigo e companheiro. Estamos juntos nessa!

A minha família, primos, primas (em especial a Mary), tios, tias, e minha bela- Ana Bela (Vovó linda)!

Sou uma pessoa de sorte, encontrei os melhores amigos, aqui registro meu sincero agradecimento aos meus amigos aventureiros de sempre, e para sempre Márcia Santos, Rawlliane Borges, Carla Chrisley e Danilson Brito. Vocês me fazem um ser humano melhor. E como diz Charles Chaplin "*Não existe coisa melhor no mundo do que viver, curtir e gozar a vida, que passa rápido e daqui não levaremos nada, a não ser toda a experiência e as amizades"*.

Agradeço as amigas queridas Hellen Araújo, Priscila Fialho, Thays Marchado, Dulci Andrade, Franknalva Sá. E os amigos Wanderson e Aurélio Barbosa.

Ao meu grande amigo Rafael Aguiar pelo ser humano incrível, por carregar uma característica de humidade ensinável e contribuir na minha caminhada acadêmica.

Em 2011, conheci a professora Adriana Zierer, por quem logo desenvolvi um carinho e já sabia que ela seria minha orientadora. Desde 2012, temos realizado esse trabalho juntas. Admiro seu otimismo, e agradeço sempre a confiança que ela deposita em mim, acreditando que tudo vai dar certo. Fico grata pelo incentivo e as oportunidades dadas ao longo desses anos.

Fiquei extremamente feliz pela professora Terezinha Oliveira ter aceito prefaciar este livro. Destaco que aprendi muito com as leituras das suas produções acadêmicas.

Agradeço aos meus pastores Djalma e Honorina pelo apoio sempre que necessário.

A professora Julia Constança Camêlo, uma das pessoas mais generosas que já conheci.

Agradeço a lindíssima professora Ana Lívia, por suas contribuições ao longo desse trabalho.

Agradeço a professora Mônica e sua família (Pris e Leonardo), por quem tenho uma admiração grande. Não tenho palavras para agradecer pelas oportunidades, serei eternamente grata.

Agradeço a professora Elizabeth Abrantes por todo apoio e contribuições durante esta jornada.

Ao professor Marconi Ramos por todos os estímulos.

À Flávia, secretária do PPGHIST-UEMA, por atender as minhas solicitações com diligência.

A todos os professores da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Yuri Costa, Tatiana, Alan, Helidacy, Henrique, Milena, Marcelo Cheche, Fábio, Ximendes, Sandra pelas diversas formas de conhecimento!

O temor do SENHOR é a chave da sabedoria e conhecer a Divindade é alcançar o pleno sentido do conhecimento!

(Provérbios 9:10)

Sumário

Prefácio **15**
Terezinha Oliveira

Apresentação **18**
Adriana Zierer; Elizabeth Abrantes

Introdução **20**

1 ..... **26**
Ramon Llul: Vida, " experiência" e Conversão
1.1 Vida e Conversão 27
1.2 A Influência Franciscana na vida de Ramon Llull 32
1.3 A busca pelo ensino, formação e divulgação de sua Arte 35
1.4 Ramon Llull: um missionário contra os "erros dos infiéis" 42

2 ..... **47**
Educação medieval na obra Doutrina para Crianças (1274-1276)
2.1 A Educação em Ramon Llull (1232-1311) 58
2.2 Doutrina para crianças: um manual pedagógico (1274-1276) 59
2.3 As sete Artes Liberais e outras Ciências na obra Doutrina para Crianças 63

3 ..... **70**
O *Além* Na Obra Doutrina Para Crianças

Considerações Finais **92**

Referências **94**

Prefácio

Terezinha Oliveira

Foi com grande felicidade que aceitei o honroso convite para prefaciar o livro *Educação e religiosidade na obra Doutrina para Crianças (1274-1276) de Ramon Llull*, de Natasha Nickolly Alhadef Sampaio Mateus que, ainda que seja uma jovem pesquisadora, teve a coragem de dedicar-se ao estudo do consagrado filósofo catalão do século XIII, Ramon Llull, que já foi e continua sendo objeto de investigação de experientes estudiosos da medievalidade, como Ricardo da Costa, Adriana Maria Zierer, isso para mencionar aqueles autores que, certamente, influenciaram, mais de perto, os olhos atentos de Natasha Nickolly.

Um dos pontos fulcrais da obra que ora torna-se pública tem a beleza de trazer mais uma revisitação ou, segundo Halbwachs, em *Memória Coletiva*, mais um túmulo foi aberto para mostrar às pessoas a obra do maior pensador castelhano medieval, tanto no âmbito da história como da história da educação. Essa retomada de Llull proporciona ao leitor a recuperação de uma das suas obras mais importantes para o campo da educação, pois trata-se de uma 'espécie de manual' escrito para orientar a formação cristã do seu próprio filho.

Em meio ao ressurgimento das cidades e do comércio, no século XIII, Llull volta-se para indicar que as crianças precisam ter uma formação baseada nos princípios cristãos. Lembra que as pessoas que zelavam pela formação do cristão não poderiam descurar de instruir, também, a criança para um ofício "A mais segura riqueza é enriquecer seus filhos com algum ofício que lhe dar dinheiros e posses, pois todas as outras riquezas desamparam o homem que não tem ofício (LLULL, 2010, p. 67). Assim, depreendemos dessa passagem, uma dentre muitas outras "pérolas" que

Natasha recupera da obra do pensador catalão, evidencia que o autor não está apenas tratando da religião ou combatendo, filosoficamente, as demais religiões, especialmente o islamismo, muito presente na península ibérica, mas também muito atento aos rumos que a sociedade do seu tempo estava tomando.

É exatamente por ter consciência da realidade que indicava mudanças profundas na sociedade medieval que ele propõe que as crianças aprendam um ofício, aliás, reitera que uma profissão é mais importante do que as riquezas. Na verdade, o pensador catalão, cuja memória é retomada por Natasha, está muito atento e sabe que as mudanças materiais que estão se processando na sociedade exige dos homens um novo modo de produção material e mental; por isso, é preciso estar muito atento à educação das crianças.

Ao retomar Llull sob a perspectiva da história da educação, o livro de Natasha traz contribuições para o campo, pois analisa o autor sem a preocupação de exaltar o filósofo ou o teólogo, como comumente encontramos em muitos estudiosos do autor, mas, sim, o educador que, ao se preocupar com a educação do filho, apresenta um elaborado projeto de educação cristã para as crianças cristãs do século XIII.

Esse projeto tornou-se possível, como a obra de Natasha nos evidencia, porque ele foi um intelectual que voltou-se para diferentes culturas, aprendeu muitas línguas, inclusive a árabe, para poder dialogar com os povos 'estrangeiros' que ocupavam a península ibérica; viajou por muitas regiões com o intuito de conhecer povos e costumes diferentes; esteve junto ao poder em diversos reinos, segundo informações da autora, dentre outras ações.

Face a essas informações, consideramos que ao recuperar a *Doutrina para crianças,* Natasha explicita que o projeto de educação, apresentado por Llull, foi fruto de um acurado esforço intelectual e cultural que tinha como fundamento difundir a cultura cristã.

Logo, a publicação do estudo de Natasha é uma grande contribuição para o nosso momento histórico, pois, ao recuperar por meio da memória

escrita a obra de Llull, ela pode nos apontar caminhos para pensarmos um projeto efetivo para a educação brasileira. Assim, ao mesmo tempo que convidamos o leitor a conhecer o livro de Natasha e o projeto educativo de Llull parabenizamos a autora pela coragem em trazer à luz essa importante obra e esse relevante autor.

Maringá, 11 de dezembro de 2019

Apresentação

Adriana Zierer
Elizabeth Abrantes

Este livro reúne reflexões de Natasha Mateus sobre o filósofo medieval Ramon Llull e sua relação com a educação através da obra *Doutrina para Crianças*, um manual pedagógico composto pelo autor para seu filho Domingos, no século XIII. A autora vem se dedicando a esses estudos desde o período da iniciação científica na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), com continuidade na Pós-Graduação.

Ramon Llull viveu na Península Ibérica, mais especificamente em Maiorca, na atual Espanha num momento de enfrentamento entre cristãos e muçulmanos pela posse daquela região, retomada pelos primeiros no processo da chamada Reconquista Cristã.

Natasha Mateus segue a linha teórica da História do Imaginário para nos levar conhecer o pensamento de Llull acerca da educação, relacionada à sabedoria, ao conhecimento de Deus e à prática das virtudes. O objetivo do filósofo era conduzir o ser humano ao melhor caminho para viver em sociedade e obter a salvação da alma, com base nos ensinamentos cristãos. O próprio Llull se apresenta como um pecador que passou pela iluminação divina, tornando-se então um pregador leigo, com o intuito de fortalecer o cristianismo e converter os muçulmanos.

Llull também se preocupava muito com o comportamento dos cristãos e sua relação com a religiosidade. Por isso, a autora nos explica que para o filósofo catalão a principal conduta deveria ser amar a Deus através da alma racional. O autor se mostra sensível às crianças, direcionando

como deveria ser a sua educação. Estas deveriam ser ensinadas nos estudos das chamadas Sete Artes Liberais, das quais a mais nobre seria a Teologia, intercalada com a fé.

O livro de Natasha Mateus é dividido em três capítulos. O capítulo 1 mostra a trajetória do autor e seus objetivos de cristianização dos muçulmanos após a conversão, direcionando-se para uma vida de pregador religioso leigo. Além disso, trata da influência do franciscanismo no seu pensamento. Já o capítulo 2 aborda a educação na Idade Média e em seu manual pedagógico *Doutrina para Crianças*. Na última parte do seu livro (capítulo 3), nos conduz à "educação para salvar", isto é, as concepções lulianas sobre o Além (Inferno, Purgatório e Paraíso), cujo propósito era mostrar ao seu filho a luta entre o bem (Deus) e o mal (Diabo) que poderia conduzir o ser humano ao Paraíso ou ao Inferno.

Neste sentido, seguindo os preceitos da Igreja, Ramon Llull apresenta os sete pecados capitais que deveriam ser evitados por seu filho Domingos e por outros cristãos. Além disso, explica como se afastar dos pecados: em primeiro lugar através da prática de seguir as sete virtudes que conduziriam à salvação (fé, esperança, caridade, justiça, prudência, fortaleza e temperança). Dessas, a mais importante seria a caridade, mãe de todas as virtudes segundo São Paulo, conforme nos lembra a autora. Outro elemento importante para a obtenção da salvação seria a condução dos cristãos pela Igreja através da oração e dos sacramentos.

O estudo de Natasha Mateus se mostra atual e relevante devido à importância dos escritos de Ramon Llull e da permanência do seu pensamento até hoje. O livro nos auxilia a refletir sobre o papel do cristianismo e seus fundamentos educativos para crianças e adultos no passado com reflexos na atualidade.

Introdução

O *mundo visível* e o *mundo invisível* estão em constante relação, para inúmeras pessoas, isso continua sendo tão real que as suas práticas cotidianas são sempre feitas de acordo com a "vontade divina". Assim, a vida de milhões de pessoas é marcada pela crença de uma vida depois da morte. Na Idade Média, o desejo de levar uma vida espiritual foi mais marcante do que em qualquer outro período da nossa História. A religião que ganhou destaque foi Cristianismo, que se fortaleceu muito nessa época e teve a Igreja como sua principal Instituição que lutava para ser a grande detentora dos ensinamentos naquela sociedade.

É notável que a Educação não obedece a um modelo único, desde o início, estamos diante de sistemas pedagógicos distintos. Afinal, o que é Educação? O que é educar? Para quais finalidades ela serve? São perguntas que parecem ser simples e fáceis de serem respondidas, não há simplicidade nestas questões, já que o grau de complexidade é extremamente variável ao longo dos séculos, e depende do meio cultural, dos hábitos, e da própria proposta de governo vigente.

Destarte, no período da Idade Média, devemos considerar diversas modalidades de educação. Primeiramente, torna-se essencial ter em vista que Religião e a Educação no medievo, não se separavam, estavam ligadas uma, a outra. Seria impossível compreendermos a educação neste contexto, sem levar em consideração o forte pensamento religioso da época. Para o homem medieval, o referencial de todas as coisas eram o sagrado, a "manifestação do sagrado" (FRANCO JÚNIOR, 2001, p. 30), e as bases fundamentadas nos ideais cristãos. Era a mistura do visível com o invisível, do material com o imaterial. Durante a Idade Média, perdurou o ideal clássico quanto à formação da personalidade, ou seja, o propósito de se plasmar o cristão perfeito, na aquisição das virtudes.

Trata-se de um período tão rico em fatos culturais, que não há linhas suficientes para descrevê-los. É certo que a civilização medieval foi eminentemente religiosa, e isso não apequena a proposta de educação para esta época. Daí, acreditamos que temos muito que aprender com essa sociedade. Para isso, é necessário nos despirmos de preconceitos, e trazer para discussão os pontos relevantes, bem como o respeito à crença e a forma de ver o mundo de cada época, pois "o Homem, portanto, a História é formado por seus sonhos, fantasias, angústias e esperanças" (FRANCO JÚNIOR, 2001, p. 38).

Os novos estudos da História, permitem-nos hoje, avançar em investigações que outrora foram menosprezadas pela historiografia tradicional. Nossa pesquisa desenvolve-se no campo da História cultural, ou seja, decifrar a "realidade do passado por meio de suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo" (PESAVENTO, 2014, p. 42).

Segundo Pesavento (2014, p. 46), entende-se por imaginário um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, constituem para si, dando sentido ao mundo. Imaginário é, portanto, um aspecto tão importante das sociedades humanas quanto aquilo que chamamos de realidade concreta. Imaginário incorpora elementos simbólicos diversos que produzem e são produzidos pelas representações sociais. Desta forma, existe alguma relação entre imaginário e símbolos. Assim, para chegar até as sensibilidades de outro tempo, é preciso que elas tenham deixado um rastro, que cheguem até presente como um registro escrito.

Diferentemente do Mundo Antigo, marcada pela crença em vários deuses, a Idade Média se fortalecerá na concepção de um Deus uno, Aquele que rege toda a existência do universo. E como centro irradiador de valores, a Igreja Católica designará uma espécie de "um manual de comportamentos" a fim de que fossem cumpridas as doutrinas cristãs. Assim, temos de um lado a Igreja, uma instituição soberana, e do outro a figura de Deus único. Qual o peso disso para a Educação neste contexto?

É isso que buscaremos demonstrar ao longo deste trabalho. É de conhecimento geral que as indagações humanas sobre os assuntos do pós-morte estavam em voga desde a Antiguidade, contudo, no período medieval, ocorrem com frequência os relatos e histórias marcadas pela fé, crenças, visões e sem dúvida, perduraram muitos questionamentos como: para aonde vou após a morte? O que estou fazendo aqui? Existe de fato um criador? Um Deus? Anjos? Vida após a morte?

Questionamentos como esses marcaram o Imaginário dos homens medievais, pois se encontravam entre dúvidas e certezas no tocante as coisas do sagrado, do Além, isto é, nas suas relações com o Cristianismo que teve como a principal a Igreja Católica. Essa Instituição buscava indicar elementos para as pessoas atingirem a salvação, ou seja, alcançar a vida eterna.

O Imaginário cristão do homem medieval significa muitas vezes escapar da nossa capacidade de compreensão. Para José d'Assunção Barros (2004, p. 92), o Imaginário mostra-se em uma dimensão "tão significativo das sociedades humanas como aquilo que corriqueiramente é encarado como a realidade efetiva". Assim, toda e qualquer sociedade deve ser vista e compreendida por suas particularidades, uma vez que Imaginário consiste em "conjunto de imagens, verbais e visuais, que uma sociedade ou um segmento social constrói com o material cultural disponível para expressar sua psicologia coletiva". Essa "indica os sentimentos, motivações e valores do conjunto de uma dada sociedade" (FRANCO JÚNIOR, 2001, p. 254-255; 257). O Imaginário Medieval foi marcado fortemente pelo Cristianismo e os seus elementos. Essa religião apresentou-se como a religião da Salvação da alma humana e a vida terrena seria apenas momentânea, entretanto, decisiva para se ter uma vida na eternidade tranquila ou atormentada, ou seja, entre o Céu ou Inferno.

Os cristãos tinham a sua fé voltada incansavelmente na perceptiva de Salvação da alma, por isso, queriam se livrar dos tormentos do Inferno, das penas, do medo das coisas que poderiam contemplar após a morte.

Assim, viviam em um constante dilema, em lutas contra os prazeres carnais e estavam cientes, por meio dos ensinamentos clericais, que a vida terrena era simplesmente uma passagem para a "Glória" ou para o "Fogo Eterno". E, havia para aqueles que tivessem pecados, teriam uma oportunidade de redimi-los no Purgatório, por onde passariam por tormentos temporários antes de atingir o Paraíso.

A decisão de escolha estava sobre cada indivíduo, em que seria o responsável por qual conduta de vida escolher por meio do seu "livre-arbítrio". Aqueles que se purificassem dia após dia, santificassem o seu corpo, honrassem a Deus e a Santa Igreja Católica alcançariam um lugar especial na eternidade, segundo o pensamento cristão. Caso contrário, arderiam eternamente nas profundezas do inferno. Sobre isso, Le Goff (2006, p. 21) afirma que o "destino da humanidade ressuscitada não depende apenas da vontade de Deus todo-poderoso, pois este respeita as regras que fixou, fazendo a situação dos homens e mulheres no Além depender de como se comportaram durante sua vida terrena". Desse modo, a luta era constante, mas:

> Sobre esse campo de batalha de vida ou morte que é o mundo o homem tem por aliados Deus, a virgem, os santos, os anjos, a igreja e, sobretudo, a sua fé e suas virtudes; mas têm também inimigos: Satã, os demônios, os heréticos e, sobretudo, seus vícios e a vulnerabilidade advinda do Pecado Original. A presença do Além deve ser sempre consciente e viva para o cristão, pois arriscar a salvação a cada instante de sua existência, e mesmo se ele não está consciente, esse combate por sua alma é travado sem trégua aqui embaixo (LE GOFF, 2006, p. 22).

Era com esse Imaginário a sociedade medieval se afligia, pois, o medo de não conseguir a tão desejada Salvação, já que havia um lugar determinado para cada pessoa diante, com base na sua conduta enquanto vivia na terra. Os espaços do Além encontravam-se nos relatos bíblicos, o que alimentava esse Imaginário. Le Goff (2002, p. 22) chama a atenção para os três "evangelhos ditos 'sinóticos'", que "a versão de Mateus (25: 31-46) diz que depois do Juízo Final, no fim do Mundo Cristo fará os bons (os 'justos')

sentarem-se a sua direita e os maus à esquerda". Contudo, o próprio texto define, embora de forma insuficiente a ideia de um lugar "bom e outro ruim". Este último seria para aqueles que foram infiéis, incrédulos e se voltaram contra a vontade divina e sofreriam o castigo eterno, isto é, não cumpriram os preceitos cristãos. Já o Céu estaria destinado para as pessoas que os cumpriram durante as suas vidas na terra.

Embora, os textos bíblicos não sejam claros quanto ao que seriam o Paraíso e o Inferno, é possível saber algumas de suas características, o que sustentou esse Imaginário, pois eram muito comuns os relatos de viagens ao Além que "[...] apresentam-se sob a forma de 'visões' as quais beneficiavam, sobretudo os monges uma vez que o mosteiro era considerado um lugar intermediário entre à terra e o Além, entre à terra e o Paraíso" (LE GOFF, 2002. p. 22). Com isso, chama-se a atenção para a importância dessas literaturas, ou seja, têm um valor imprescindível de estudá-las, são fontes importantes para compreensão do pensamento medieval. Segundo Le Goff (apud ZIERER, 2013, p. 130), "[...] as fontes literárias e artísticas são privilegiadas no estudo do imaginário medieval". Nelas, que também permitem compreender como o homem medieval se via, imaginava-se e pensava o seu tempo.

Sobre aqueles que produziram essas fontes literárias e artísticas, destaca-se um grande escritor, Ramon Llull. Este foi um filósofo catalão do século XIII, que elaborou um projeto pedagógico, teve como objetivo central levar o homem à Salvação. Por meio de suas importantes obras literárias, percebe-se que Llull propôs uma espécie de reformulação daquela sociedade, baseado no contexto em que vivia, o que leva o leitor a ter noção do que seria uma educação cristã, bem como o seu pensamento espiritual e o imaginário de que a vida terrena era passageira. "Os manuais eram considerados espelhos, gênero literário que traçam o retrato de um ideal moral: 'Encontrarás, filho, neste livro um espelho em que poderás contemplar a saúde de tua alma'" (SOUZA, 2011, p. 09). Esses manuais não se restringem somente a um tratado de moral ou espiritualidade, contudo, vão além, visava à formação. No medievo, todas as lições estão voltadas

para Deus (SOUZA, 2011). Por volta do século XIII, o Ocidente passaria por muitas mudanças, dentre essas: o surgimento das Universidades, as cidades, etc.

Ramon Llull viveu em um contexto histórico extremante conturbado, nasceu na Catalunha em 1232. Em sua autobiografia *Vida Coetânea (1311),* conta que antes de se entregar aos serviços cristãos, vivia nas "práticas mundanas", mas após ter mais de cinco visões do Cristo ressuscitado, converteu-se ao Cristianismo. Depois da sua conversão escreveu vários livros, e estes sempre voltados para assuntos religiosos, filosóficos e dedicando grande parte para temas como a Educação (LLULL, 1311). As fontes primárias que utilizamos são de extrema importância, pois são reveladoras tanto da vida como da educação medieval. A obra *Doutrina para Crianças*, escrita por volta de 1274 a 1276, dedicou ao seu Domingos e pode ser considerada como um dos primeiros manuais pedagógicos voltados à educação infantil. Nela, destacam-se os fortes ensinamentos cristãos. Essa obra compõe-se de um Prólogo e treze capítulos, ao longo dos quais todos os ensinamentos giram em torno de Deus e dos preceitos da Igreja Católica (LLULL, 2010).

1

Ramon Llul:
Vida, " experiência" e Conversão

Seria impossível nos aprofundarmos no tema proposto - *A finalidade de educar na obra de Ramon Llull* - antes de compreender a vida do autor da obra *Doutrina para Crianças*, o filósofo Ramon Llull. Este foi um homem do seu tempo, e claro, foi influenciado pela sociedade em que viveu e conviveu. A princípio, antes da sua conversão ao Cristianismo, considerava-se um pecador inútil, e aos trintas anos, mudou o percurso da sua história ao adotar os preceitos cristãos, como referenciais para a sua vida terrena. Apesar da distância de séculos, é possível conhecer parte de sua vida, graças a sua autobiografia *Vida Coetânea (1311)* que chegou até nós, traduzida do Catalão de meados do século XV do original escrito em Latim. Essa obra foi ditada, acredita-se, a um amigo de Ramon Llull, um monge de Vauvert[1] (LLULL, 1311).

Durante toda a Idade Média, muitos homens deixaram grandes histórias, construíram grandes projetos pedagógicos, deram contribuições indiscutíveis para a sociedade. Mas, nesse trabalho, tentaremos mostrar como Ramon Llull, deixou um legado muito grande de ensinamentos consolidados, e criou um projeto pedagógico, trazendo informações importantes para compreendermos a pedagogia medieval. As obras deste filósofo, mostram como a sua vida foi marcada pelos padrões cristãos e o forte uso da razão na produção de sua *Arte*. Pouco se sabe da sua vida até os trinta anos, quando se converteu ao Cristianismo. Em sua autobiografia *Vida Coetânea,* narra brevemente sobre

[1] Na obra *Vida Coetânea*, não dispõe de grandes informações sobre a vida do monge de Vauvert.

sua vida, sua conversão, destacou os seus objetivos, e as viagens que fez ao longo de sua trajetória cristã (LLULL, 1311).

Esse filósofo ainda é pouco estudado no Brasil, possui cerca de mais de 280 obras, muitas foram preservadas e têm sido traduzidas para nossa língua. Isso permite o estudo e uma melhor compreensão de seus pensamentos. As obras lulianas têm contribuído bastante para inúmeras temáticas, dentre as quais a educação. Hoje, por exemplo, os grandes centros acadêmicos europeus, reconhecem a importância da produção do filósofo maiorquino, que vem cada vez mais, chamando a atenção dos estudiosos (COSTA, 2006, p. 06).

1.1 Vida e Conversão

Ramon Llull cresceu em um contexto de grandes transformações e mudanças sociais e políticas. Viveu basicamente em Maiorca, com uma breve peregrinação a lugares santos na Península Ibérica. Mas, todo sua formação intelectual e política foi forjado durante o reinado de Jaime I. Nos séculos VII e VIII, inicia-se a expansão árabe com Maomé (c.570 - 632), que vai até o califado abássida, onde grande parte do território cristão foi dominado pelos muçulmanos, o Oriente Médio e a África do Norte. A Espanha foi uma região da Cristandade Ocidental em contato direto com outras religiões[2] (LEMOS, 2010). Nesse contexto, os territórios da Cristandade, foram marcados por intensas disputas entre cristãos e muçulmanos. Por volta do século XIII, em 1228, o rei Jaime I preparou um grande exército para a reconquista da cidade de Maiorca, a qual estava sob o controle

[2]"O grau de cultura e formação científica de judeus, cristãos e muçulmanos foi, ao longo da Idade Média espanhola, muito diferente. Durante o domínio Islâmico foram os muçulmanos e sua classe dirigente os determinantes da estrutura cultural na Península Ibérica. Com o domínio cristão, a cultura dos muçulmanos, quase todos dedicados a ofícios agrícolas e artesanais, foi caindo paulatinamente, ainda que não se deve esquecer que esses muçulmanos sabiam ler, pois por exigências de sua religião tinham que recitar textos do Alcorão. A população judia foi conservando um alto grau de cultura e desempenhou na sociedade multi-religiosa sob domínio cristão uma função de portadores de cultura, exercendo ofícios que exigiam alto nível de alfabetização. A cultura judia registrou na Espanha medieval uma verdadeira época de ouro. Em suas aljamas não só se cultivavam as ciências relacionadas com o estudo da Bíblia, seu alto nível cultural motivou que numerosos judeus ocupassem postos chave na administração dos estados cristãos e exercessem uma enorme influência nas finanças e estruturas administrativas dos mesmos. Houve judeus também em outras partes de Europa" (DOMÍNGUES REBOIRAS, 2012, p. 60 - 61).

dos muçulmanos. Após a conquista, a coroa de Aragão começou sua expansão pelo Mediterrâneo e em direção a Valência, passou por outros territórios cristãos (COSTA, 2001, p. 164).

> A expansão aragonesa em direção ao sul fez com que uma considerável população muçulmana e judia fosse em pouco tempo absorvida pela coroa de Aragão. Calcula-se que os não cristãos constituíam uma quarta parte do total da população, isto é, cerca de 250.000 pessoas em um total de 900.000.16. Mas esse avanço militar aragonês não prosseguiu porque seus vizinhos (França e Castela) atravessavam um período de apogeu demográfico. Por isso, sua expansão se deu nos mares do Mediterrâneo, através de um intenso comércio com o norte da África (até o Egito), e também mediante a conquista da Sicília (1282), Sardenha (1323) e o sul da Itália (século XV). Esse expansionismo comercial catalão foi acompanhado pela formação de uma consciência de identidade cultural, por um sentimento do cumprimento de uma missão divina e pelo importante fato de que a própria língua catalã se "libertava" da influência cultural occitânia. Por todos esses motivos, por volta de 1300 a língua "internacional" falada no Mediterrâneo ocidental era o catalão, tanto no comércio quanto na diplomacia (COSTA, 2006, p. 109).

É nesse contexto que se insere a vida e os escritos de Llull. Ele nasceu em uma região de Fronteira, em Palma de Maiorca, era uma ilha recém-conquistada por Jaime I.

> Em 1228, o jovem rei Jaime I, o Conquistador (1213-1216), reuniu um forte exército e, no ano seguinte, invadiu as Ilhas Baleares e tomou a cidade de Maiorca do controle muçulmano com auxílio das tropas de Gênova e Pisa. Após a conquista de Maiorca, a Coroa de Aragão iniciou sua expansão pelo Mediterrâneo. As cidades italianas de Gênova e Pisa, por temerem a concorrência do comércio catalão, fizeram acordos com Jaime I, na tentativa de garantir seus privilégios comerciais. No território peninsular, o monarca continuou seu processo de conquista em direção a Valência, e estabeleceu vários acordos matrimoniais com outros reinos cristãos com o objetivo de garantir alianças e territórios. Com esta expansão aragonesa para o sul, uma grande massa de população muçulmana e judia foi absorvida pela coroa de Aragão. Estima-se que os não-cristãos eram cerca de 250.000 pessoas de um total de 900.000. A coroa de Aragão não pôde se expandir mais por terra por que seus vizinhos

> (França e Castela) passavam por um auge demográfico e fortalecimento político. Entre 1232 e 1260, Maiorca foi colocada sob o comando de um governador. Em seguida, Jaime I passou o direito de reinar sobre a ilha para seu filho, o infante Jaime, futuro Jaime II, de Maiorca (1243-1311) (LEMOS, 2010, p. 68).

O pai de Ramon Llull participou da Reconquista das terras maiorquinas, recebeu em troca terras e a sua família foi descrita como nobres barceloneses ricos. Llull também trabalhou como senescal. Em sua terra natal, Maiorca, teve influência dos mouros. Llull narra que vivia dado ao pecado antes de adotar a doutrina cristã como modelo a ser seguido. Ainda jovem teve uma educação voltada para música, assim compunha canções, que para ele, eram "vãs canções", pois ele era casado, tinha dois filhos, mas suas canções eram feitas para uma namorada (COSTA, 2006, p. 108). Certa noite, surpreendeu-se com uma visão. Que visão era essa? Esta seria o Cristo crucificado que mudaria sua trajetória para sempre. Para André Vauchez (1995, p. 162), as visões eram um importante meio de comunicação entre o homem e Deus.

> Imaginando e pensando uma vã canção, e escrevendo aquela em língua vulgar para uma namorada, a qual naquele momento amava com um amor vil e feiticeiro, como donde tinha todo seu entendimento aceso e ocupado em ditar aquela vã canção, mirando com insistência a parte direita viu Nosso Senhor Deus Jesus Cristo suspendo com os braços em cruz, muito dolorido e apaixonado. O qual visto tendo grande temos em si mesmo, e deixando todas aquelas coisas que tinha entre suas mãos, partiu, meteu-se em seu leito e cobriu-se (LLULL, 1311, p. 06).

Segundo Llull (1311), em sua autobiografia *Vida Coetânea*, as aparições sucederam-se por mais ou menos cinco vezes, até que Llull compreendeu que algo sobrenatural estava acontecendo com ele. Sentiu-se triste, e indigno de servir a Jesus Cristo, pois a vida que até então tinha levado era uma vida mundana, distante dos padrões cristãos. Mas, aceitou a missão, e buscou formas para cumprir seu tão alto ministério,

> O dito reverendo mestre, já todo incendiado em ardor no amor para com a cruz, deliberou que maior nem melhor agradável ato não poderia fazer do que converter os infiéis e incrédulos a verdade da santa fé católica, e para aquilo colocar a sua pessoa em perigo de morte. E, como ele ficou pensando longamente sobre isso, voltando diante de si mesmo, ele duvidou ser apto e disposto a tão alto ministério; porque considerando ser iletrado-como em sua juventude só havia aprendido um pouco de gramática –e considerando esta falta tão grande e defeito em tão alto ministério, e contrário disso que ele desejava, começou a ter tanta dor que quase saiu de mesmo (LLULL, 1311, p. 06).

O ministério de Ramon Llull começaria com muita intensidade, pois, acreditava que era necessário o conhecimento, visto que segundo ele, tinha perdido muito tempo, além do que se considerava um iletrado, e só tinha aprendido um pouco de gramática. Aqui é importante ressaltar que Llull tinha trabalhado como senescal para Jaime II, e, embora, não se achasse capacitada, já possuía um amplo conhecimento. Nesse sentido, um dos motivos que vai fazer Llull se dedicar em construir um projeto-pedagógico, baseia-se na sua própria experiência de vida. As dificuldades pelas quais enfrentou, faria o possível em prol do outro, pois, não queria que os outros passassem por tudo o que tinha vivido. Por isso, queria que as pessoas conhecem quem era Jesus Cristo desde cedo (COSTA, 2006; LEMOS, 2010). Desse modo, Ramon Llull será uma dessas personagens da Idade Média tão preocupado com a educação e a religiosidade, e ao se converter, quis contribuir ao máximo para o fortalecimento da Cristandade. Para Llull (1311), eram considerados como "infiéis", muçulmanos e judeus, que cercavam os cristãos.

O filósofo era consciente de como o Cristianismo perdera força e muitos cristãos saiam pelo mundo a fora, para divulgar a mensagem de Deus. Por essa razão, Ramon Llull criou grandes expectativas no intuito de converter os "infiéis", criando uma espécie de "um projeto utópico", por um mundo sem guerra e por uma paz universal (COSTA, 2009). Llull teve três "coisas firmemente deliberadas dentro de seu pensamento": 1 - colocar a sua vida disponível para a honra de Jesus Cristo; 2 – Escrever livros, para combater os "erros dos infiéis"; 3 – "Construir e edificar diversos mosteiros" (LLULL, 1311, p. 08).

Ramon Llull sabia que trilharia caminhos espinhosos, mas se propôs a cumprir esses objetivos. Decidiu que necessitaria recorrer ao papa, aos reis e príncipes cristãos, pois, nos mosteiros ensinaria os idiomas dos "infiéis". Isso, seria para que houvesse missionários mais bem preparados para a missão que Ramon Llull se propôs a cumprir. Essa missão era levar a mensagem de Deus para quem ainda não tivesse a compreendido (LLULL, 1311). Sentiu um forte desejo de anunciar a "verdade" já que:

> O século XIII é o tempo da perplexidade para o cristianismo: conhecedores que eram a minoria no mundo, a primeira atitude de muitos cristãos foi sair pelo mundo e divulgar a palavra de Deus. Por esse motivo, surgiram as ordens mendicantes, e a atitude apologética de Ramon Llull expressa muito bem esse sentimento de angústia e perplexidade coletiva que se transformou em ação, em um otimismo sem par na certeza de poder converter todo o mundo. Por esse motivo o século XIII foi definido como "o século do otimismo" (COSTA, 2006, p. 112).

O anseio de Ramon Llull, nesse momento de sua vida, depois das visões, foi exatamente o de expandir a fé Católica aos "infiéis e incrédulos", principalmente, após ouvir um sermão que contava um pouco sobre São Francisco de Assis,

> [...] que dizia como o santo havia abandonado todas as coisas mundanas para se entregar totalmente ao serviço da cruz, é que Ramon Llull finalmente decidiu mudar sua vida. Vendeu então a maior parte de seus bens e deixou somente uma pequena parte sua esposa e filhos [...] a ênfase na vestimenta pobre era uma característica dos espirituais franciscanos (COSTA, 2006, p. 112-113).

A partir desse momento, desses três objetivos, Ramon Llull experimentou na sua vida um período de grandes decisões, renúncias para o tão alto ministério que recebeu de Jesus Cristo. Entregou-se ao serviço da Cruz, vendeu suas possessões, deixou apenas parte para a sua esposa e filhos, e saiu por vários lugares em busca de conseguir realizar aqueles três propósitos. Assim, as suas obras são reflexos da sua experiência, do seu

desejo de realizar o "ministério de Deus", e ver a Santa Fé aceita e contemplada por todos os homens. Acreditou no Cristianismo como a verdadeira fé e teve o desejo de cumprir o suposto e tão alto ministério para o qual Jesus Cristo o chamou (LLULL, 1311, 2010). De tal modo, Llull representava esse modelo humano que se criou na Idade Média Cristã Ocidental dos séculos XI-XV, a qual teve esse modelo bem definido pela religião, de um homem que crê (LE GOFF, 1989, p.10).

1.2 A Influência Franciscana na vida de Ramon Llull

No início do século XIII, podemos destacar um homem "exemplar", que serviu como padrão cristão e influenciou na conversão de Ramon Llull, São Francisco de Assis. Este homem foi considerado um santo da pobreza, da humildade, o qual imitou os passos de Cristo. O filósofo não teve uma mudança instantânea, para que a sua transformação acontecesse, passaram-se três meses depois das aparições do Cristo ressuscitado, pois, Llull ainda estava envolvido com negócios ditos "mundanos". Consequentemente, ele se considerava um pecador, não deixava de ouvir os sermões, foi quando participou da festa do glorioso seráfico[3], que ele passou a chama-se de "monsenhor São Francisco". A mensagem sobre este homem mudaria a vida de Llull (LLULL, 1311, p. 15).

Enquanto, um bispo pregava sobre São Francisco de Assis, Llull foi profundamente tocado, pois, o sermão mostrava como Assis tinha deixado tudo o que possuía, dedicando-se exclusivamente ao serviço da Cruz. Assim sendo, Llull foi tocado dentro das suas entranhas e deliberou-se que faria igual como São Francisco tinha feito ao vender suas posses e deixaria parte dos seus bens para o sustento da sua família (LLULL, 1311, p. 12).

Como ficaria a família de Llull? Pois, tinha esposa e filhos. Vale destacar que ele levava uma vida totalmente diferente antes da sua conversão, porém, os momentos posteriores a sua conversão foram marcados por grandes mudanças. Como já mencionamos antes, ele vendeu os seus bens,

[3] Porque, São Francisco já se encontrava em um grau de santidade próximo dos serafins.

teve uma transformação de comportamento o que levou a sua esposa a ficar preocupada com os rumos tomados pelo marido, e solicitou em juízo que fosse designado um procurador para cuidar da administração das posses (COSTA, 2006, p. 110).

> É certo e manifesto que Blanca, mulher de Ramon Llull, veio diante de nós, Pedro de Caldes, juiz, etc., para afirmar e denunciar ao dito juiz que Ramon Llull, seu marido, se tornou tão contemplativo que não se ocupa da administração de seus bens temporais e assim eles se perdem e são destruídos. Por isso, suplicando, pede com essa alegação, para ela e os filhos comuns dela e do dito Ramon Llull, que escolham um curador que reja, governe, proteja, defenda e conserve os bens do dito Ramon Llull. E nós, Pedro de Caldes, tendo escutado a dita petição e efetuado uma acurada investigação sobre **a vida e os costumes do dito Ramon Llull, e como consta que o citado Ramon Llull optou a tal ponto pela vida contemplativa que quase não se ocupa da administração de seus bens, tendo deliberado sobre o caso, e vendo que Dom Pedro Galcerán, cidadão de Maiorca**, parente da dita Blanca, sem qualquer retribuição já se encarrega disso, é a pessoa adequada para a curadoria e administração dos ditos bens, damos e designamos o dito Pedro como curador e administrador de todos os bens móveis e imóveis do dito Ramon Llull, outorgando-lhe plenos poderes para reger, governar, reclamar e defender os ditos bens nos tribunais e fora deles, em juízo e fora de juízo, efetuando tudo o que seja útil e evitando ou deixando de lado o que seja prejudicial para a conservação dos ditos bens. Conseqüentemente, eu, Pedro Galcerán, recebendo de vós a mencionada curadoria dos ditos bens, prometo reger, governar e defender os ditos bens tanto quanto posso, e por isso obrigo etc., juro e dou como avalista Dom Pero Cuc, que obrigou etc (COSTA, 2006, 114, **grifo nosso**).

Desse modo, nota-se que a família de Llull não foi tão compreensível com o novo estilo de vida pelo qual ele tinha tomado. Consequentemente, a sua forma contemplativa de olhar a vida não foi visto como algo normal, pois, a sua esposa não estava aceitando suas atitudes, o que para ela, Llull parecia na verdade está enlouquecendo. Mesmo com essa não aceitação da família, esse novo cristão não desistiu e prosseguiu com a sua missão de trabalhar em escrever livros e contribuir para educação (LLULL, 2010). Para uma melhor compreensão das influências franciscanas na vida de Ramon Llull, torna-se relevante comentar um pouco a vida de São Francisco

de Assis. Este nasceu por volta do final do século XII e converteu-se nos anos de 1206, ele era filho de um mercador, mas decidiu abandonar as riquezas seguindo os passos de Cristos.

> A conversão caminha. Ele será um dos maiores santos da história do cristianismo. Mas levará para sua nova vida as paixões da juventude - a poesia e o gosto da alegria [...] Então Francisco começa a pregar, "com sua voz que é como um fogo ardente". Prega em Assis, na ou perto da igreja na qual tinha recebido, menino, sua educação religiosa [...] Nesse momento começa a pregação itinerante. De tempos em tempos, haverá nessa pregação uma etapa marcada por um episódio célebre ou significativo [...] da viagem [...] para Roma ou para fora da Itália (LE GOFF, 2011, p. 62; 69-70).

Francisco de Assis teve uma história marcada pela religiosidade e pela entrega da sua vida aos assuntos relacionados a fé. Essa história influenciou profundamente os "novos caminhos" trilhados por Llull. Francisco de Assis era um jovem rico, que vivia em festas noturnas, possuía origem nobre, participou de guerras, e em uma destas quando retornava recebeu uma visão do caminho de volta, e quando chegou a Espoleto uma febre tomou conta do seu rosto, a partir disso mudou o rumo de sua vida. Com esse episódio, "mantém-se reflexo e caridoso para com os pobres, isola-se um pouco de seus companheiros, as visitas e contemplação aos campos de sua terra natal aumentam" (COSTA; ZIERER, 2014, p. 36). Quando o filósofo soube dessa atitude, quis seguir o mesmo caminho do Santo (LLULL, 1311, p. 14). Desse modo, a essa trajetória tornou-se semelhante à vida de Ramon Llull, que este, após ouvir o sermão sobre São Francisco tentou seguir os mesmos passos de Assis, como um exemplo, que também vendeu todos os seus bens, e se entregou a uma vida totalmente cristã.

O que é interessante nessas influências franciscanas, é observar as muitas semelhanças que o homem medieval tinha, são elementos muito parecidos, sobretudo, quando o assunto é conversão, visões, e isso fica muito claro ao se comparar a vida de Llull e de São Francisco Assis. Ramon Llull visitou igrejas como a de São Jaime e a da nossa Dona de Racatallada, e foi a diversos lugares santos para suplicar que Jesus Cristo o ajudasse nos seus

três propósitos. Para o cumprimento desses propósitos, colocou de lado todo luxo das suas vestimentas, vestiu-se de um hábito honesto. Após esse período, pôs-se a um período de peregrinação ao santuário mariano de Rocamador e a Santiago de Compostela (LLULL, 1311). A peregrinação[4] medieval era uma forma de martírio, de eliminar os pecados,

> Uma viagem, uma caminhada, isto é, uma prova física do espaço. A provação do espaço faz com que o peregrino seja um estrangeiro por onde passe. Ele é estrangeiro aos olhos dos outros, mas também estrangeiro em relação ao que era antes de se colocar a caminho. A peregrinação é uma prova espiritual (SOT, 2002, p. 353).

Francisco Assis também fez isso deixando suas vestimentas, despiu-se literalmente, deixando todas as suas vestimentas, entregou-se à religião cristã. O santo da Igreja Católica, São Francisco de Assis,

> Recebia sinais e visões espirituais, além disso, encontrava-se confuso sobre qual atitude deveria tomar. O despojamento significaria sua renúncia para riqueza e o nascimento para a pobreza; quando a autoridade eclesiástica o veste, representaria o acolhimento da Santa Igreja pelo seu novo estilo de vida. É notório destacar que estás observações só fazem sentido se levarmos em considerações as posições e obras dos franciscanos moderados (COSTA; ZIERER, 2014, p. 36).

Semelhante ao Santo, Llull adotou um novo estilo de vida, não se importou mais com os bens materiais, com vestimentas de luxo. Na *Vida Coetânea (1311)*, relata que dedicou parte de sua vida, ao serviço de Cristo, contribuiu para o crescimento da Cristandade, e abandonou os "vícios" (LLULL, 1311).

1.3 A busca pelo ensino, formação e divulgação de sua Arte

Para o filósofo, o seu passado foi vergonhoso, e lamenta como perdeu muito tempo, pois, sabia que o propósito que Deus o entregou, necessitaria

[4] "O homem da Idade Média, condicionado pela concepção do pecado que lhe foi inculcada, procura na penitência o meio de assegurar a sua salvação" (LE GOFF, 1989, p. 13).

de uma preparação consolidada, pensando nisso, e resolveu buscar conhecimento pelo ensino de outras ciências e da gramática (LLULL, 1311). O principal público que Ramon Llull desejaria alcançar era os "infiéis". Quem eram esses "infiéis", para Ramon? Eram,

> [...] todos os que professavam uma fé diferente da cristã. Mas em sua missão dedicou especial atenção aos muçulmanos, fato que se explica pela ligação de Llull com eles, uma vez que mesmo após a reconquista de Maiorca, muitos muçulmanos continuaram vivendo na ilha, num total de 50 mil habitantes, que representava cerca de 40 % da população da ilha islâmica e havia em média 3 mil judeus" (COSTA, 2007, p. 16).

Dessa forma, o maior objetivo de Ramon era alcançar todos os que estavam no "erro". Por isso, dedicou-se aos estudos, aprendeu a ler em árabe, e se preocupou em descobrir novos métodos de ensino. Segundo o filósofo, recebeu de Deus a sua *Arte,* a qual estava fundamentada na Bíblia, nos Padres, na Igreja e em outros filósofos (LLULL, 1311). Segundo Ricardo da Costa, a Arte Luliana possuía os seguintes propósitos,

> [...] segundo o próprio criador: 1) Conhecer e Amar a Deus era um preceito cristão (Mc 12:30 e Lc 10: 27), mas amar e conhecer a Deus era uma característica da teologia muçulmana, o que indica uma influência islâmica no pensamento de Ramon; 2) Unir-se as virtudes e odiar os vícios, um processo que segundo Llull, refrearia as paixões com a virtude da temperança; 3) Confrontar as opiniões errôneas dos infiéis por meio das " razões convincentes" ou "necessárias"; 4) Formular e resolver questões e 5) Poder adquirir outras ciências em um breve espaço de tempo e tirar as conclusões necessárias segundo as exigências da matéria. Isto fazia da Arte luliana uma ciência das ciências, proporcionando o critério para um ordenamento preciso e racional de todo o conhecimento (COSTA, 2009, p. 10).

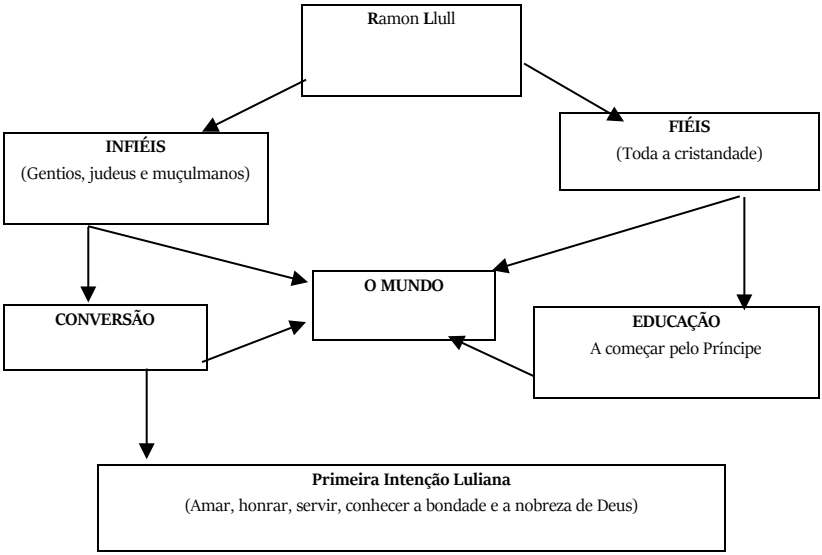
A Arte Luliana foi uma forma de demonstração das verdades da fé para os "infiéis" e instrumento de teologia para os cristãos. Nessa Arte, o uso do intelecto era indispensável, pois clarificava as razões necessárias ao

conhecimento de Deus. Llull (1311) buscava um método que tirasse os homens do "erro". Ele entendia que o homem poderia ter um contato com Deus, pois ele:

> [...] era um místico, isto é, acreditava na sua possibilidade de comunhão direta entre Deus e o Homem. Essa experiência de comunhão direta entre Deus e o homem de natureza religiosa, ou religioso-filosófica, que se desenrola normalmente num plano transracional - não aquém, além razão. Por outro lado, mobiliza poderosas energias psíquicas do indivíduo, elevando o ser humano a uma alta forma de conhecimento e de amor. Tais visões não são fins em si, mas meios para uma experiência religiosa, por sua vez condicionada pela tradição religiosa do místico (COSTA, 2002, p. 14).

A comunhão com Deus seria abandonar todos os hábitos mundanos e levar uma vida pura, bem como viver a primeira intenção, que, para Llull (1311), seria "Amar e servir a Deus". Assim, o filósofo criou grandes expectativas para transformar a sociedade do seu tempo. No quadro abaixo, pode-se analisar um projeto que seria o ideal de Llull, mas, seria um projeto Utópico.

Quadro 1- O Projeto Utópico de Reforma Social Luliana



Fonte: COSTA, Ricardo. *Félix, ou o livro das maravilhas*, 2009. p. 12.

Os "infiéis", segundo Llull, já tinham a condenação eterna e Maomé foi "[...] um homem enganador que fez um livro chamado Alcorão, e disse que lhe foi dado por Deus ao povo dos sarracenos, dos quais sarracenos Maomé foi o iniciador". E os gentios seriam aqueles que não tinham leis, não tinham Deus, estavam em grandes erros e opiniões e os Judeus não acreditavam na trindade, tudo isso, para Ramon Llull, significava uma extrema necessidade que aquela sociedade tinha de conhecer, amar e servir a Deus (LLULL, 2010, p. 56).

Como afirma Le Goff (2006), o Cristianismo é uma religião de Salvação, ou seja, era necessário que houvesse homens dispostos a pregar o evangelho, ensinar as pessoas o jeito "certo" de viver, e essa vida correta era torna-se em cristão. Essa vida deveria ser pautada em renúncias, abandono dos velhos hábitos. Isso, era bastante característico da época, nesse contexto em que Llull viveu, o desejo por grande parte dos homens era levar uma vida "correta", segundo os padrões cristãos. Ramon Llull (1311) deliberou ir ao grande ensino em Paris[5], queria aprender gramática, outras ciências, e estar mais preparado para seu ousado projeto. Porém, os seus familiares foram contra e principalmente o mestre Ramon de Penyafort, da ordem de São Domingos. Todos impediram que Llull tomasse essa decisão, e pediram que o mesmo continuasse em sua terra natal, em Maiorca. Os próximos anos foram marcados por uma busca constante do ensino. Ele queria aprender outros idiomas, sobretudo, estudar a gramática, o latim. Para aprender a língua árabe, ele comprou um escravo mouro, que durante nove anos se dedicou ao estudo da língua arábica ou mourisca (LLULL, 1311).

Segundo a *Vida Coetânea,* esse escravo, certo dia blasfemou contra Jesus Cristo, o que deixou o dito reverendo irritado, inquieto pelo intrínseco zelo de "Nosso Senhor". Com isso, Llull feriu o dito mouro assim na boca como na cara, cabeça e outras partes de seu corpo, e como o dito

[5]A "Universidade de Paris, que era indiscutivelmente o centro do pensamento cristão nos séculos medievais. A cultura da cristandade ocidental a partir do século XII tem em Paris sua última e definitiva referência" (DOMÍNGUEZ REBOIRAS, 2012, p. 58).

mouro fosse muito alto de coração e fosse quase do estado de mestre do dito senhor seu em mostrar-lhe a língua mourisca. Llull deixou o escravo em cativeiro por alguns dias, até decidir o que faria com ele, já que o escravo tinha lhe ensinado bastante (LLULL, 1311, p. 20). Depois desses acontecimentos, o Maiorquino se retirou para um lugar tranquilo, pois queria estar mais próximo do seu Deus,

> O dito reverendo mestre subiu alto em uma montanha chamada Randa, a qual não era muito longe de sua casa, para que aqui melhor pudesse pregar e servir a nosso Senhor. E como tivesse estado aqui por quase oito dias, e um dia estivesse contemplado e tendo os olhos voltados para o céu, em um instante lhe veio certa ilustração divina, dando-lhe ordem e forma de fazer os ditos livros contra os erros dos infiéis (LLULL, 1311, p. 09).

Llull (1311, p. 10) começou uma trajetória simples e, ao mesmo tempo conflituosa. Quando ele saiu da montanha de Randa, local onde teve uma experiência mística, pois acreditava ter tido um contato diretamente com Deus. Saiu em lágrimas do monte para ordenar os seus livros, livros belos, que chamou de Arte (*Arte abreviada de encontrar a verdade)*, ou seja, um livro que continha sua filosofia para conversão dos infiéis. Certo dia, um jovem pastor de ovelhas ouviu Llull falar da sua Arte, e ficou muito maravilhado, e o abençoou com sinal da cruz e ajoelhado o beijou. Como um bom filósofo, desenvolveu um método, deixou-o fundamentado. Fala sobre a necessidade de recorrermos ao uso da razão. Esse filósofo foi um moralista, que embebido de filosofia antiga compôs sua própria fundamentação de vida, buscou propagar aquilo que para ele era a "verdade" (LLULL, 1311).

Não se sabe ao certo das suas principais influências, pois não tinha o costume de citar fontes, mas se acredita que a fundamentação da sua Arte está sob as influências: da Bíblia, de Aristóteles e de escritos árabes. A contribuição dos árabes para o progresso intelectual do Ocidente é indiscutível, principalmente no que diz respeito à medicina, matemática e à ótica. Para Llull (1311), a sua religião, o Cristianismo, era a única e verdadeira, por isso, teve como principal objetivo levar a fé cristã para aqueles

que, segundo o próprio, eram considerados como "infiéis". Para o filósofo, fé e razão não poderiam estar separadas e não era a favor do uso da guerra ou força, mas pretendia levar a mensagem cristã tentando prová-la por meio do uso da razão.

> Para Ramon Llull, o princípio da busca do conhecimento deve ser livre de julgamento prévios. A verdade é encontrada somente quando se inicia a investigação com uma razão que admita todas as possibilidades podem ser verdadeiras. Portanto, o *entender* é superior ao *crer*. Para se conseguir isso, há ferramentas filosóficas- Ramon afirma que há três espécies de "se": que é a dúvida (que ele chama de duvidativa), a que afirma ("afirmativa") e a que nega ("negativa"). O entendimento do investigador deve supor que ambas (afirmativa e negativa) são possíveis, "... e que não se ligue com o *crer,* que não é seu ato, mas com o *entender"*. Por esse motivo, os argumentos lógicos nunca podem ser baseados em citações de autoridades, mas somente pela razão (COSTA, 2006, p. 03).

O maiorquino não dispensava o uso da dúvida, afirmação e negação. Para ele, esses estágios eram fundamentais, pois, sem isso o ser humano não poderia crer e queria provar o "verdadeiro", isto é, provar as verdades do Cristianismo. E buscava argumentos aceitáveis para os três credos, desejava romper com as barreiras entre fé e razão (COSTA, 2006, p. 03).

> Para Llull, fé e razão são dois momentos solidários de um único processo de conhecimento, que parte da fé, passa pela razão e volta, agora enriquecido, para a fé. Trata-se, portanto, de um círculo hermenêutico, cujo ponto de partida é sempre a fé, condição prévia para o entendimento. Ramon buscava uma dimensão de inteligência no interior da fé. A fé ajudaria o entendimento a crer, enquanto este a ajudaria a entender, pois, para o maiorquino, para entender verdadeiramente era necessário crer, e para crer era necessário entender. Porém, a fé era maior que o entendimento, visto que o homem, normalmente, acreditava mais do que entendia. A razão luliana não é a razão autônoma, característica do pensamento moderno, mas é uma razão comprometida com a fé cristã, que a ajuda e é por ela ajudada (LEMOS, 2010, p. 93).

O Rei de Maiorca, Jaime I, pediu para que Llull fosse até Montpellier, pois esse rei tinha ouvido falar muito bem do maiorquino, e com a ajuda

de um mestre em teologia analisou as suas obras. Aproveitando o momento Llull pediu ao rei que fossem construídos monastérios, para que pudesse viver ali treze frades que aprendessem a língua mourisca para converter os infiéis, aos quais todos os anos fossem dados quinhentos florins de ouro para seu sustento (LLULL, 1311, p. 14). Depois de onze anos, Llull já com seus mais ou menos 44 anos, não desistiu e continuou pedindo as autoridades maiores como, rei Jaime I, que construísse mosteiros, que preparasse mais pessoas para levar a "verdade" aos "infiéis". Isso fica muito claro em diferentes passagens da *Vida Coetânea*,

> Depois destas coisas, foi-se embora o dito reverendo mestre ao santo pai e aos cardeais para obter que fossem feitos monastérios pelo mundo onde se apressem diversas línguas para converter os infiéis; e como fosse até a corte, encontrou o santo pai que nesse momento tinha acabado de morrer, pela qual coisa deixada a corte, tornou a via de Paris, com o propósito e intenção de ler e comunicar a *Arte* publicamente, a qual Nosso Senhor lhe havia comunicado. (LLULL, 1311, p. 14).

Nem sempre Llull (1311) conseguiu realizar os seus grandes desejos e nem todas as localidades que desejou construir os mosteiros foi possível, assim como nem todos os lugares, a sua Arte foi aceita ou compreendida, como veremos melhor nas próximas linhas que se seguem. Os escritos lulianos tinham um objetivo central, não ficar no anonimato. Ele queria que a sua Arte alcançasse principalmente aqueles que tivessem se desviado para a intenção pela qual foi criado, sobretudo os "infiéis". Por isso, não mediu esforços para ampliar todo o seu conhecimento, para que os seus livros chegassem a outras localidades. Saiu da sua terra natal, visitou outros locais, viveu um período de grandes viagens, voltava a Maiorca algumas vezes, apenas para ver seus filhos (LLULL, 1311).

Llull fez sua viagem a Paris, local de grande centro do pensamento cristão, para divulgação de sua obra, onde leu publicamente na escola do mestre Britolt, tendo a oportunidade de um contato direto com a Universidade. Este primeiro contato de Llull com o ensino parisiense foi de uma tamanha frustação, devido a problemas de comunicação e no momento da

sua apresentação não houve uma compreensão o que dificultou a aceitação de sua Arte (LLULL, 1311, p. 14).

Depois de ler publicamente sua *Arte* em Paris, decidiu ir pelo caminho de Gênova em que poderia passar a Bebéria mais facilmente para provar a Santa Encarnação do Filho de Deus, a qual os "infiéis" não acreditavam. Mas, Ramon Llull sentiu medo da reação dos mouros, de ficar preso ou ser apedrejado. Teve vontade de retornar no barco que tinha vindo, mas não foi possível. Assim, pensou que estava se comportando como Pedro, negando a Cristo. Experimentou tanta dor dentro de sua alma, que caiu em uma grande doença (LLULL, 1311, p. 18).

1.4 Ramon Llull: um missionário contra os "erros dos infiéis"

Como já foi mencionado, Ramon Llull viveu em um contexto complexo, e uma aproximação com os muçulmanos e Judeus. Sua vida a partir dos seus trinta anos, quando se converteu, foi dedicada à conversão dos, que segundo ele, considerava como "infiéis".

> [...] o termo «conversão» em Lúlio tem um duplo uso: aplica-se à aceitação da fé cristã por parte do infiel e também a aceitação por parte do cristão de suas obrigações para com o infiel. O cristão, ensimesmado nos problemas internos de seu entorno social, deve ampliar seu horizonte em função do ideal que informou toda a existência de Lúlio e que formulou com toda clareza na primeira de suas obras (DOMÍNGUES REBOIRAS, 2012, p. 63-64).

Llull considerava Maomé como um homem impuro, endomoniado, epilético, e enganador, ou seja, tinha sido o grande criador de uma obra recheada de falsificações. Uma das convicções que Ramon Llull tinha, era que a Cristandade poderia recuperar a Terra Santa e converter os "infiéis". Isso deveria ser um trabalho constante para os cristãos, já que cada um tinha uma missão e eram missionários, aqueles que propagariam a fé e impediriam que as outras pessoas no Dia do Juízo Final fossem condenadas. Llull desde sua conversão, visitou muitos lugares para divulgação da sua Arte, principalmente os lugares que existiam a maior concentração dos

"infiéis" (COSTA, 2011, p. 29). Em *Vida Coetânea,* relata uma viagem para Tunis, em que foi mesmo estando muito doente,

> Enquanto, donde, que o dito reverendo mestre estava assim angustiado da sua doença, veio uma notícia que uma galera se preparava para ir a Túnis, da qual coisa alegrando –se muito o dito reverendo mestre fez-se aportar com seus livros dentro da galera; mas seus amigos, vendo que ele estava em tão grande doença, forçaram-no a permanecer, da qual coisa ficou com grande dor o dito revendo mestre (LLULL, 1311, p. 33).

Apesar de doente, escolheu propagar a mensagem, e estava disposto a ir mesmo que seus amigos tentassem impedi-lo,

> E, como houvesse feito louvores singulares e graças a Nosso Senhor, entraram no porto de Túnis. E, chegando em terra, entrara, dentro da cidade, e o dito reverendo mestre começou a procurar dia-a-dia aqueles que eram mais literatos na seita de Maomé, declarando-os como ele havia estudado a lei dos cristãos e que sabia bem a sua fé e os fundamentos dela, mas que tinha vindo aqui para saber sua seita e credulidade; e que se ele encontrasse que aquela fosse melhor que aquela dos cristãos, e ele não pudesse provar (que a dos cristãos era melhor), que por cero ele se faria mouro. E como isso fosse sentido por muitos, acomodaram-se todos os mouros conhecedores que se encontravam diante da cidade de Tunis, alegando as mais fortes razões que sabiam e podiam em sua seita. **E como o dito reverendo mestre facilmente respondeu e satisfez a eles, todos estavam espantados e maravilhados, e por isso ele começou a falar e dizer assim-" Convém manter aquela fé e crença a qualquer homem sábio e letrado, qual majestade divina, a qual cada um de vocês crê e outorga, atribuindo maior honra, bondade, poder, glória e perfeição e todas estas coisas em maior igualdade e concordância; e assim mesmo aquela fé e crença (cristã) deve ser mais exaltada e mantida a qual entre Nosso Senhor Deus e o seu efeito possua maior concordância e conveniência.** E, como eu entendo, pelas coisas propostas a mim por vocês que todos vocês que têm a seita de Maomé não entenderam que nas dignidades divinas existem atos próprios intrínsecos e eternos, sem os quais as dignidades divinas são ou seriam ociosas (assim como na bondade de Deus podemos dizer bonificativo, bonificável e bonificar, e em magnificência, magnificativo, magnificável e magnificar, e assim das outras dignidades semelhantes, e por conseguinte, seria colocar ab aeterno ociosidade em Deus,

> a qual coisa seria blasfêmia, e contra a igualdade e concordância a qual realmente existe em nosso Senhor Deus); e por isso, por esta razão os cristãos provam que a trindade de pessoas existem na essência divina " (LLULL, 1311, p. 22, grifo nosso).

Na sua autobiografia, o filósofo fala de uma viagem para Tunis, momento esse que tentou conscientizar os ditos "infiéis" de seus pecados, tentou ilustrar razões tão altas, tão maravilhosas, que um muçulmano se preocupou. Em *Vida Coetânea*, Ramon Llull expressou a sua fé tão convicto, que o dito infiel, sentiu-se ameaçado pensando que sua dita seita poderia ser exterminada e destruída (LLULL, 1311). Assim, denunciou Llull para o seu rei, desejando que o matasse. Porém, um mouro não foi a favor da morte de Ramon Llull,

> Não convém a um tão alto príncipe e rei como tu és, dar tal juízo e sentença a alguém que, por exaltar a sua lei, se metesse neste perigo: porque seguir-se-ia que se um dos nossos andasse entre os cristãos para convertê-los á nossa, assim mesmo o matariam uma tal morte; e, por consequência, não se encontrariam mouros que daqui em diante ousassem andar para converter os infiéis a nossa lei e a boa parte, a qual coisa seria contra a nossa lei e em derrogação daquela (LLULL, 1311, p. 29).

Depois desse acontecimento, Ramon Llull é expulso de Túnis e foi posto em uma nau de genoveses, mas antes de sua partida foi surpreendido por golpes, bofetadas e pedradas que não se puderam contar.

> Alegrava-se, mas o dito reverendo relembrou a paixão de Cristo; e sentiu dor, e não foi pouca, das perdas das almas, as quais já haviam estado alguém tão preparado pra receber o santo batismo; e isto o fez ficar em grande perplexidade, porque via que, se fosse embora, como naquela revolta lhe houvesse conduzido em uma nau de genoveses, mas, não obstante o perigo de morte, ele saiu da nau e as escondidas partiu para a terra, esperando o lugar e o tempo para entrar na cidade e converter aquelas almas (LLULL, 1311, p. 30).

Quando chegou a Gênova fez diversos livros, e em seguida retornou para Paris onde leu sua arte e compilou diversos livros. "No tempo do papa

Clemente V, o reverendo mestre partiu da cidade de Paris e foi ao santo Pai suplicando-lhe que fizesse construir diversos monastérios, nos quais aprendessem diversas línguas para pregar a santa fé católica aos infiéis" bem como "Nosso Senhor havia mandado aos apóstolos" (LLULL, 1311, p. 28).

A *Vida coetânea* nos conta que o filósofo já não tinha mais medo da morte, fez uma viagem pela África, e por onde passava começava a gritar que "as leis dos cristãos é santa e verdadeira, e a seita dos mouros falsa e malvada", e ressaltava ainda que sua *Arte,* seus livros, era para provar isso, para mostrar que a fé Católica era a verdadeira. Os mouros mais uma vez tentaram matá-lo, e levaram tal atitude ao bispo, este começou a falar com ele, dizendo: "Como tem estado tão louco, que deseja impugnar a lei de Maomé? Porque não sabe certa coisa, que cada um que aqui impugna deve morrer uma má morte?" (LLULL, 1311, p. 30). Ramon Llull respondeu que: "O verdadeiro servo de Deus não deve temer o perigo da morte para manifestar aquela aos infiéis, que estão em erro, e trazer aqueles a via da salvação" (LLULL, 1311, p. 30).

Uma das autoridades muçulmanas não autorizou a morte de Ramon, mas ordenou que o prendesse. Os mouros reagiram contra tal medida, pois, queriam que ele fosse apedrejado. Contudo, um dos muçulmanos pediu que ninguém tocasse nele, porque, ele mesmo faria um belo processo e sentença, que iria condená-lo a morte.

> Mas o dito mandamento não se opunha que enquanto ameaçavam o cárcere, fizessem tão grande revolta que uns com bastões, outros com pedras, outros com punhais, tiraram-lhe a barba que tinha longa e quase o deixaram a morte". Mas no dia seguinte concordaram, os doutores da Lei mulçumana e solicitaram ao bispo que Ramon fosse apedrejado; e convocado seu conselho foi determinado pela maior parte que o dito reverendo mestre fosse conduzido aqui diante eles que o homem de ciência, morresse. [...] Mas para cristãos catalães e genoveses foram suplicar que o trouxessem, e de fato mudaram-no para um outro lugar mais suportável (LLULL, 1311, p. 32).

Durante esse período encarcerado, alguns mouros visitavam Llull todos os dias, e pregavam sobre a lei de Maomé, tentando convertê-lo ao

Islamismo, oferecendo mulheres, honras e tesouros infinitos. Nos seis meses preso, houve debates constantes entre eles (Ramon Llull e os mouros), ambos tentavam provar que a sua fé era a verdadeira. Porém, cada um mantinha a sua opinião, a sua crença, foi concordado entre eles que cada um fizesse um livro que provasse a autenticidade de sua fé (LLULL, 1311, p. 32).

> Mas o diabo, inimigo da verdade, que em todos os tempos levou as almas á perdição, vendo que por aquele caminho todas aquelas almas chegariam ao paraíso, engenhosamente veio uma ordem do rei de Burgia que estava em contestina, ordenando com grandes penas que o dito reverendo mestre fosse expulso da terra (LLULL, 1311, p. 32).

Expulso das terras de Burgia, ordenaram a um dono de uma nau que não o deixasse em nenhuma terra de mouros. A nau foi para Gênova, e seguiu uma grande tempestade em alto mar, a nau naufragou, deixando muitos mortos. Muitos escaparam, e Llull foi um desses sobreviventes. Vindo a cidade de Pisa, foi recebido gentilmente pelos cidadãos. Não podemos esquecer que essa biografia de Ramon Llull servia como um *exemplum*, servindo como um modelo ideal de bom cristão. Aquele que se converteu, e saiu pregando a fé católica. Superou suas dificuldades, escreveu livros, e mostrou que todo o seu trabalho foi voltado para honrar a Cristo. Acreditava assim que seu exemplo de servo, poderia levar outras vidas ao arrependimento para alcançar a Salvação (LLULL, 1311).

2

Educação medieval na obra Doutrina para Crianças (1274-1276)

A educação medieval foi marcada por suas particularidades, um período onde muitos homens se dedicaram incansavelmente em busca do saber e da preservação do mesmo. Conservaram parte do conhecimento antigo, assim como formularam um saber próprio da época. Para uma melhor compreensão dessa movimentação educacional, é necessário olhar para as suas inúmeras variedades, e mudanças ao longo dos séculos medievais. Quando paramos para entender as singularidades da educação medieval, seria injusto acreditar que as bases dessa educação surgiam naquele exato momento, ou seja, não olhar para as contribuições do Mundo Antigo é pular uma parte da História. E, assim, acontece a trajetória da humanidade, é carregada de trocas culturais, rupturas e continuidades que são feitas ao longo do tempo, seria *pueril* (infantil) não perceber isso também no quesito educação.

A História se faz por achados, por tradições, por heranças e descobertas. Nesse sentido, a educação Medieval foi construindo e reconstruindo, não do nada, mas resgatando muita coisa das gerações passadas. Por isso, é fundamental ressignificar as raízes da educação antiga, que deu base à educação medieval. A derrocada do Império Romano do Ocidente levou o ensino clássico ao colapso e a ruína das escolas[6]. As grandes invasões,

[6]"No mundo ocidental a organização escolar principiou, ao que tudo indica, na Grécia macedônica, em Alexandria e em Pérgamo. Segundo informação dada por Leach, um Mimo de Herondas, o Mestre, descreve pela primeira vez uma escola por volta do ano 250 a.C. Em Roma, a escola surgiu sob a influência grega cerca de 260 a.C. ou por volta de 204 a.C., segundo Suetônio. A primeira data é indicada por Plutarco e foi, então, diz ele, que se estabeleceram as primeiras escolas de Roma graças a Spurius Carvilius junto com o seu liberto grego. Suetônio, porém, atribui a existência das primeiras escolas em 204 a.C. a Lívio Andrônico e a Ênio, o primeiro poeta romano e ambos, gregos libertos, e a Crates de Malos, embaixador grego de Pérgamo em 157 a.C. A organização do ensino público, no em tanto, foi criação dos romanos. De acordo com Ozanam, a cultura universal da Romanitas - eloquente barbarismo

nesse período, transformaram de forma significativa a vida cultural de várias cidades. Devido às grandes guerras, dos tempos inseguros, não existiam muito tempo e recursos para atividades escolares. Dentro do próprio clero faltavam homens instruídos[7] (NUNES, 1979).

Não podemos deixar de perceber que uma nova sociedade surgia, as invasões germânicas, representaram também a fusão de outra cultura e valores. Rui Afonso Nunes (1979, p. 58) afirma que a "educação dos jovens era, sobretudo militar e, em tempo de paz, constava principalmente de exercícios físicos e era completada com a formação moral ministrada através de exemplos dos heróis nacionais e da educação religiosa que consistia de instrução na doutrina cristã". Além disso, diversas foram as influências que a Educação Medieval recebeu (NUNES, 1979).

Desse modo, quem nunca ouviu falar de Santo Agostinho? Ele viveu por volta do século IV, e deixou um legado bastante consolidado no que diz respeito à educação[8]. O que nos interessa aqui, é perceber as influências que permaneceram ao longo da Idade Média, e nada surgia por acaso, por isso é importante destacar as influências Agostinianas. Sendo assim, para Santo Agostinho, a Educação "era uma caminhada de purificação moral e de exercitação intelectual, que conduzia progressivamente o aluno a se identificar com a Sabedoria, a bondade e a beleza" (MELO, 2002, p. 67).

> Concebeu a educação com um processo mediante o qual o 'homem exterior', material, mutável e mortal ia cedendo espaço para o ' homem interior', espiritual, imutável e imortal. Esta transformação se dava a medida que o homem se aproximava e se familiarizava com Cristo: a Palavra de Deus que se fez homem. Por este motivo, o aluno não chegava á verdade através das palavras do

cunhado por Tertuliano - estendeu-se da Grã-Bretanha às extremidades da Hungria, e o centro desse círculo cultural veio a ser a nova potência do ensino público, desconhecida nas idades anteriores. O Egito, diz Ozanam, tinha as suas iniciações rodeadas de mistérios. Em Atenas a instrução literária estava entregue à dedicação e à cupidez dos sábios, mas na Itália, país de disciplina, o ensino tornou-se uma magistratura, agraciada com imunidades e privilégios" (NUNES, 1979, p. 56).

[7]"[...] pode dizer-se que na Itália o ensino tradicional dado por leigos e baseado na literatura profana nunca deixou de existir devido à força da tradição local, à semelhança do vernáculo com o latim e ao contato benéfico com a cultura bizantina, através das cidades gregas do sul da Itália" (NUNES, 1979, p. 48-49).

[8] "O conceito de educação em Santo Agostinho traz, em princípio, uma evidente influência platônica, mas com o tempo ele foi se matizando, purificando e assimilando um perfil próprio, de modo a ser perfeitamente compatível com a pregação doutrinário do Cristianismo" (MELO, 2002, p. 67).

> professor, conforme já mencionado, mas pela contemplação feita pelo 'olho' interior, o ' o olho' da mente, ao captar as coisas da verdade essencial, possibilitadas por Deus. Daí a importância, para Santo Agostinho, da interiorização como forma de comunhão e renovação em Deus (NUNES, 1979, p. 35).

A orientação pedagógica da Idade Média daria continuidade a um plano e Educação traçado por Santo Agostinho na sua obra *De Doctrina Crhistiana* estimulou, sobretudo os estudos dos intelectuais cristãos, e serviu de ideário e programa para as escolas. Para esse mestre, a Sagrada Escritura era o principal foco da aprendizagem, e juntamente com ela o ensino das setes artes liberais, as línguas e as ciências. Nas igrejas e nos mosteiros, por meio dos livros, o saber antigo preservou-se. Houve uma transmissão às gerações da Idade Média, alguns autores da antiguidade foram de extrema importância, pois elaboraram manuais e enciclopédia tais como Santo Agostinho, Marciano Capela[9]. Já na Idade Média podemos destacar Cassidoro, Boécio[10], Santo Isidoro de Servilha[11] e São Beda[12] que também copiaram manuscritos, produzindo também manuais e enciclopédias. Os monges desenvolveram um papel fundamental no resgate e na conservação[13], e permitiu que o pensamento do Mundo Antigo passasse

[9]"Marciano Capela foi quem transmitiu à Idade Média o esquema das sete artes liberais, foi Boécio quem denominou as quatro disciplinas matemáticas de "quádruplo caminho para a sabedoria", quadrivium" (NUNES, 1979, p. 99).

[10] "Boécio projetou traduzir as obras de Platão e de Aristóteles e demonstrar, por meio de comentários, o acordo profundo do pensamento desses filósofos. A morte prematura impediu-lhe a realização do lano, mas Boécio consagrou-se como filósofo através da Consolação da Filosofia, obra de fundo neoplatônico e impregnada de estoicismo, escrita ao cárcere em seus últimos dias, em 5 livros em prosa e verso nos quais aponta estar a verdadeira fonte da felicidade na busca da sabedoria e no amor de Deus" (NUNES, 1979. p. 103).

[11] "Santo Isidoro de Sevilha que nasceu, provavelmente, entre 560 e 570, no seio de uma família cartaginesa que emigrara para Sevilha. Foi educado pelo seu irmão mais velho São Leandro, arcebispo de Sevilha, a quem sucedeu no mesmo sólio episcopal que dignificou durante 37 anos. Durante o seu fecundo episcopado reuniram-se vários concílios, tendo sido mais famoso o IV Concílio nacional de Toledo, em 633, de que participaram 62 bispos e que Santo Isidoro presidiu e influenciou profundamente" (NUNES, 1979, p. 120).

[12]"São Beda, o Venerável, merece ser contado entre os transmissores da cultura antiga à Idade Média, devido à amplidão da sua obra que serviu aos estudiosos tal como as de Cassiodoro, Boécio e Santo Isidoro; e, assim como este foi a luz da península ibérica, São Beda foi o resplendor da Grã-Bretanha. Nasceu no reino da Nortúmbria cerca de 672 ou 673 e morreu em 735. Escreveu a História Eclesiásticada Inglaterra, talvez a melhor obra histórica da primeira parte da Idade Média e um modelo do gênero. Deixou, ainda, um opúsculo De rerum natura, esboço de enciclopédia científica, escritos sobre gramática, música, temas científicos, ortografia; comentários da Sagrada Escritura, poemas latinos, homilias e cartas" (NUNES, 1979, p. 123).

[13] "O mosteiro surge-nos como uma ilha, um oásis e, simultaneamente uma cidade, uma cidade santa. O monge tem uma relação, tanto com Deus como com o Diabo, de quem é a presa privilegiada. Perito nas agressões de Satanás, protege os outros homens do «antigo inimigo». É igualmente um especialista da morte, através das necrologias que

pela Idade Média. Os mosteiros foram mais que centros religiosos, foram também centros de ensino (NUNES, 1979)[14].

> Os monges que fundaram numerosas numerosos casas no continente a partir do fim do século VI, foram os primeiros a acolher crianças nos mosteiros e a exigir dos monges um certo nível de conhecimentos. A partir deste momento, os estabelecimentos monásticos, ao menos os mais importantes, foram normalmente dotados de uma escola, de uma biblioteca, de um ateliê de cópias de manuscritos (NUNES,1979, p. 56).

Desse modo, o ensino monástico consistia na aprendizagem gramatical, ou seja, ensinava a princípio o latim. E também se ensinava um pouco de canto e cálculo, cujas as bases vinham dos manuais e compilações como os de Isidoro de Servilha e Beda. As escolas monásticas[15]surgiram naturalmente, pois muitos homens procuravam o mosteiro para se consagrar inteiramente a Deus pela imitação de Cristo (NUNES, 1979).

A base da educação na Idade Média consistia na aprendizagem das artes liberais, que vem desde a Antiguidade. E a partir do século VI se transformou em uma estrutura de ensino por Cassidoro e Boécio, essa base teórica da Educação Medieval estava basicamente dividida em duas partes fixada por Marciano Capela*: trivium* e *quadrivium*. O *trivium* consistia no aprendizado da (gramática, retórica e dialética) e *quadrivium* (aritmética, geometria, música e astronomia), esse era o material de ensino na Espanha também. Esse programa vai se conservar até por volta do

existem nos mosteiros e que constituem cadeias de oração pelos defuntos. É um conselheiro e um mediador, sobretudo dos grandes. E também é um homem de cultura, um conservador da cultura clássica, um perito na leitura e na escrita, graças aos *criptorium* dos mosteiros, à biblioteca e oficina de cópia e decoração dos manuscritos. Reúne em si «o vigor intelectual e a exuberância emotiva» e «uma sabedoria da escrita que sabe exprimir e matizar sensações, desvios, subtis atenções e segredos». O mosteiro é a antecâmara do paraíso e o monge o mais habilitado para se tornar um santo" (LE GOFF, 1989., p. 15).

[14] "Os monges não só desenvolveram um papel importante na educação, mas segundo alguns estudiosos, eles (monges) foram responsáveis pelo avanço da agricultura, por descobertas técnicas, contribuindo para avanços tecnológicos e culturais no medievo" (WOOR JR, 2008, p. 35).

[15] "Na escola do mosteiro estudavam-se as sete artes liberais, segundo a orientação dada por Santo Agostinho no De Doctrina Christiana, e aplicavam-se os estudantes de modo intenso à leitura e à meditação da Sagrada Escritura, de acordo com as prescrições unânimes das Regras, como a de São Bento, Sto. Isidoro e São Frutuoso. Para a iniciação gramatical tomavam-se os salmos como texto de leitura. Aliás, o ensino estava dirigido para o seu conhecimento, assim como ao de toda a Bíblia" (NUNES, 1979, p. 99).

século XIII, enriquecendo-se posteriormente com outras disciplinas (NUNES, 1979). Afinal, o que seria arte?

> Uma arte é toda atividade racional e justa do espírito aplicada a fabricação dos instrumentos tanto materiais como intelectuais: é uma técnica inteligente do fazer. Assim o intelectual é um artesão; no meio de todas as ciências [as artes liberais] são chamadas artes as que não implicam apenas conhecimento, mas também uma produção que se origina imediatamente na razão, como função da construção (a gramática), dos silogismos (a dialética), do discurso (a retórica), dos números (a aritmética), das medidas (geometria), das melodias (a música), dos cálculos do curso dos astros (astronomia.) (LE GOFF, 2014, p. 88).

Por que ensinar as sete artes liberais? Qual importância dessas disciplinas? De acordo com Woor Jr (2008. p. 45), para os grandes intelectuais da Idade Média, essas disciplinas tinham imensurável valor para tais finalidades: contemplar as criações de Deus, apreciar a arte divina (*quadrivium*) e permitir que as pessoas exprimissem de modo convincente e inteligível a ação da sabedoria divina. **"**As artes sete liberais revelaram ao homem o seu lugar no universo e ensinaram-no a apreciar a beleza do mundo**"**.

> Havia um monopólio da cultura intelectual por parte da igreja. A educação era feita de clérigos para clérigos, devido as necessidades do culto. Nas escolas catedralíciase sobretudo monásticas, praticamente as únicas existentes, ensinavam-se as chamadas sete artes liberais, as únicas dignas de homens livres, por oposição ás artes mecânicas, isto é, manuais próprias de escravos. Na primeira parte, ou *trivium,* estudava-se Gramática (ou seja, latim e literatura), (elitistica, textos históricos) e Dialética (iniciação filosófica). Na segunda, ou *quadrivium*, passava-se para Aritmética, Geometria (que incluía a geografia), Astronomia (astrologia, física) e Música. Cumpridas essas duas etapas, de duração variável conforme as condições pessoais e locais, passava-se para o estudo da Teologia, o saber essencial da Idade Média, ao qual os clérigos se dedicaram por toda vida (FRANCO JUNIOR, 2001, p. 60).

A Igreja se fortaleceu na época medieval, era a grande contribuidora para a cultura do Ocidente, e naturalmente as escolas se desenvolveram

nessa instituição, já que as escolas pagãs sumiram era necessária uma organização**.** Durante toda a Alta Idade Média, as escolas teriam uma função essencial, uma escola destinada aos futuros membros do clero.

> A Igreja Católica continuou a assumir nos séculos seguintes a tarefa de ministrar o ensino público e gratuito nas paróquias urbanas e rurais. Como diz o insuspeito Durkheim, a Igreja tornou-se a única educadora daqueles tempos naturalmente, sem premeditação nem ambições, pois era a única instituição que, de fato, tinha condições e meios para educar e instruir (NUNES, 1979, p. 100).

No começo do século V, estavam surgindo às escolas Paroquiais, ou seja, eram administradas exclusivamente pelos eclesiásticos. Nas escolas paroquiais, ensinavam o nível elementar, e elas funcionavam na igreja matriz da paróquia. Outros tipos de escola foram às escolas episcopais ou catedrais ensinavam um nível mais superior, e estavam alojadas na igreja Catedral ou na residência dos Bispos, e se preocupavam com a formação do clero, dos sacerdotes. Carlos Magno[16] ao assumir o poder, demonstrou uma grande preocupação no que diz respeito à educação, por volta do século VIII, solicitou aos bispos que organizassem escolas em torno das grandes catedrais, o que, sem dúvida, estimularia indiscutivelmente o progresso intelectual, que passou a ser estimulado tanto nas escolas das catedrais como nas monásticas (NUNES, 1979).

> [...] organizou na sua corte itinerante uma escola para crianças, a fim de preparar boas gerações de homens da Igreja e de funcionários imperiais, sobre ter fundado com Alcuíno uma academia, a Academia Palatina, que cultivou os estudos clássicos e difundiu pelo Império a reforma das escolas ou a sua fundação. [...] Carlos Magno era profundamente religioso, construiu igrejas e mosteiros, apreciava as belas cerimônias litúrgicas e cercou-se de um vasto círculo de eruditos eclesiásticos com os quais formou a escola palatina. Os

[16] "Carlos Magno, desde que se tornara rei dos francos, já se apercebera da crise moral e religiosa na Igreja. Bispos e monges viviam como leigos em guerras e divertimentos. Exceto ínfimo número de leigos cultos, como alguns reis da Grã-Bretanha, a maioria dos clérigos e leigos viviam alheios à cultura latina e nos próprios mosteiros as cerimônias haviam perdido o brilho, pois os monges não sabiam cantar e pronunciavam erradamente o latim. Ora, Carlos Magno sentiu-se investido de missão superior, não só política, como religiosa e cultural e, por isso, dedicou a vida à unificação da Europa, à ilustração do povo e à reforma da Igreja" (NUNES, 1979. p. 120).

> membros e mestres dessa academia faziam literatura de corte, compunham poesias, epigramas e enigmas e adotaram pseudônimos de origem clássica, mitológicos ou religiosos (NUNES, 1979, p. 190).

Esse estímulo à educação ficou conhecido como Revolução Carolíngia (WOOR JR, 2008, p. 67). Porém, segundo Le Goff (2014, p. 40), foi uma educação para elite, favorecendo assim pouquíssimas pessoas. Para Nunes (1979), Carlos Magno tomou medidas em prol das escolas e promoção da cultura[17], queria melhorar a situação da Igreja, e considerava a sociedade em um estado de grande ignorância, foi pensando nisso que Carlos Magno decidiu restaurar o estudo das letras, tendo convidado os religiosos a se dedicarem às artes liberais e proposto o seu exemplo pessoal de estudioso dessas disciplinas. Abriu escolas públicas, não no sentido que conhecemos hoje, mas aberta para clérigos e monges. Para alguns historiadores como Nunes, Carlos Magno deixou frutos permanentes e contribuiu para o desenvolvimento da arte, da arquitetura, o desenvolvimento da letra minúscula, e a ênfase dada aos estudos clássicos. A multiplicação dos manuscritos ajudou no desenvolvimento da escrita (NUNES, 1979).

Por volta do século IX, as escolas entram novamente em declínio devido as invasões de outros povos. E os guerreiros, é claro, queriam lutar, guerrear, e estavam preocupados com a função deles socialmente. E os camponeses estavam preocupados com a marcha das estações, com o tamanho da terra, a criação de animais, assim como grande partes dos guerreiros estavam para as armas e cavalos[18]. Quando falamos em educação, precisamos perceber como estava formada essa sociedade, se de um

[17] "Enquanto os povos cristãos do Ocidente e os novos invasores convertidos à fé cristã faziam os seus séculos de aprendizagem do Evangelho e da cultura clássica durante o período carolíngio e o século de ferro, os muçulmanos estabilizados no Oriente, na África e na Península Ibérica entraram em contato direto com o creme da cultura antiga, assimilando o saber clássico dos gregos, dos egípcios e dos persas e beneficiando-se, ainda, das realizações culturais bizantinas. Os seus chefes, os sultões, usaram de política habilíssima, favoreceram os estudos, as ciências e as artes; concederam honras e promoções aos sábios convertidos à religião muçulmana, de tal modo que os povos islâmicos, em pouco tempo, atingiram alto grau de desenvolvimento científico, técnico e econômico, o que ensejou o surgimento de nova e esplendorosa civilização" (NUNES, 1979, p. 227).

[18]"Não havia jornais nem revistas, enfim, vivia-se num mundo de tradições orais donde a organização cultural que bafejara certas camadas populares no Império romano já desaparecera por completo, há séculos. Por conseguinte, o estudo, a cultura e o ensino tornaram-se apanágio dos clérigos e monges, tanto que durante séculos o termo francês

lado tem os que *guerreiam*, do outro os *trabalham*, os que *oram* foram os grandes responsáveis pela preservação da cultura antiga. Isso não quer dizer que os guerreiros não estudavam, muito pelo contrário, alguns se dedicavam ao estudo e deleitavam em livros nos intervalos do combate (NUNES, 1979, p. 221).

No século XI[19], começou a surgir, de fato, a Europa moderna, deram-se grandes e positivas transformações sociais, cresceu lentamente a população, o comércio foi revigorado, reanimaram-se as cidades e as escolas voltaram a florescer (NUNES, 1979, p. 213). Segundo Hilário Franco Junior (2001), as escolas urbanas mantinham-se muito presas as influências Eclesiásticas, o que limitava seu papel. A partir do século XII o Ocidente passava por transformações decisivas na sociedade. Dentre essas podemos destacar a divisão do trabalho, o crescimento das cidades, que está estritamente ligada às mudanças também intelectuais. Para Le Goff (2014), o modelo do intelectual da Idade Média está diretamente ligado às mudanças, sobretudo, com a cidade, é aquele tipo de homem que trabalha com a mente, e não vivia de rendimentos da terra nem era obrigado a trabalhar.

O clero renovava sua crítica em se tratando das cidades, pois criticava aquele novo tipo de profissional que era o intelectual (FRANCO JUNIOR, 2001). Segundo Jacques Verger (2001), as escolas vão evoluir quantitativamente e qualitativamente, elas serão instaladas nos burgos e nas cidades, ou seja, seria um novo tipo de escola. O florescimento cultural no século XII,

> Representa a confluência de toda a semeadura e de toda a fermentação dos séculos anteriores no surgimento da nova civilização medieval que chegará ao apogeu no século XIII e no início do surto cultural do Ocidente que nunca mais se deteve e se estendeu em linha reta, desde a recuperação da ciência antiga até às invenções e às descobertas da era atômica e espacial em que estamos a

clerc, clérigo, foi sinônimo de intelectual e letrado. Clérigos e monges precisavam saber ler e escrever para desempenhar o próprio ofício e corresponderem à sua vocação religiosa ou eclesiástica" (NUNES, 1979, p. 220).

[19]"A progressiva melhoria de vida desde o século XI na Europa ocidental: o fim das invasões, a crescente aceitação pelos nobres do espírito cristão, o estabelecimento da trégua e da paz de Deus que contribuíram para a concórdia entre as classes sociais; o arroteamento do solo com o aperfeiçoamento dos instrumentos agrícolas, o uso do machado de corte, a charrua de relha, a ferradura, o moinho de água e a rotação das culturas: semeadura das farinhas de inverno (trigo ou centeio), dos cereais da primavera (aveia ou cevada) e o descanso do alqueive" (NUNES, 1979, p. 250).

> viver. Segundo Nunes, as escolas monásticas declinaram, enquanto que as episcopais assumiram a liderança do ensino, e foram as bases das faculdades de artes e teologia do século XIII (NUNES, 1979, p. 250).

O século XII foi a grande época da introdução das obras de Aristóteles no Ocidente. O estudo a filosofia beneficiou-se com o aparecimento do Latim dos textos dos filósofos gregos e muçulmanos.

> Do ponto de vista da história da filosofia, os dois fatos mais salientes foram a tradução e o estudo das obras aristotélicas, e dos seus comentadores muçulmanos, e a sua aplicação às crenças religiosas, o que deu origem à teologia escolástica, à ciência sagrada em que as proposições em que se exprime a Revelação foram submetidas à análise crítica e ao enquadramento conceptual nas categorias da lógica, e a argumentação religiosa passou a ser conduzida segundo os cânones da silogística (NUNES, 1979, p. 264).

Para Nunes (1979, p. 269), os escritos aristotélicos causaram uma revolução intelectual, mudando o currículo escolar. "As escolas episcopais, destinadas primeiramente à formação de sacerdotes, distinguiram-se no ensino das artes liberais e da teologia, mas não eram do mesmo tipo e do mesmo estofo em toda a Europa". Devido as traduções de Aristóteles, e outras obras. Foram feitas inúmeras traduções, principalmente de Aristóteles, sobretudo na Espanha. Esse movimento do século XII contribui para algumas mudanças, as escolas se fixam, organizam-se, corporativizaram-se, permitindo a criação da Universidade[20]. A Universidade foi fruto do desenvolvimento das escolas. Os estudos das Sete artes liberais, do direito, da teologia, da medicina[21] que compõe o estudo no século XIII das Universidades.

---

[20] "A universidade, dissemos, constitui criação original da Idade Média. Não existiu no mundo antigo nem entre os povos muçulmanos nem em Bizâncio durante o Medievo. É preciso estar atento para o uso do termo, quando se lê, por exemplo, em algum livro que houve universidade em Atenas ou em Bizâncio. Primeiramente, observe-se que o termo universidade só começou a ser usado em latim e a ser aplicado às escolas de certo tipo durante o século XIII. Fala-se em Universidades "espontâneas" (reunião de escolas já existentes no local), "nascidas por secessão" (problemas que levaram grupos de mestres e alunos a abandonar a universidade que frequentavam e fundar outra) e "criadas" (a partir de bulas imperiais) " (NUNES, 1979, p. 269).

[21] "Constantino, monge africano de origem árabe, veio para Salerno em 1077, aí permaneceu algum tempo, foi para Montecassino onde traduziu do árabe muitas obras médicas e morreu em 1087. Foi o primeiro grande tradutor de obras de ciência árabe e forneceu os compêndios usados nas escolas medievais de medicina" (NUNES, 1979, p. 287).

> O termo *universitas* foi usado com o sentido de associação ou corporação de ofício. No século XIII, nessa mesma acepção, ele passou a ser empregado para designar as corporações de mestres e estudantes que se consagravam de modo organizado ao estudo das artes liberais, do direito, da medicina e da teologia (NUNES, 1979, p.143, grifo do autor).

A Universidade, segundo Jacques Verger (2001), foi o lugar em que os intelectuais, ou seja, as pessoas cultas, os homens do livro, da escrita, fundamentaram seu saber. Eles sabiam utilizar a palavra, tinham o conhecimento da Gramática, da lógica, do raciocínio, ensinavam a aritmética comercial para futuros mercadores. Até aqui vimos como ao longo de todo o período medieval, as mudanças educacionais foram sentidas e renovadas. Criando novos métodos, assim como dando continuidade ao que já se tinha.

No século XIII, a Escolástica alcança seu máximo esplendor, "foi um método de pensamento de ensino que surgiu e se formou nas escolas medievais a se plasmou de modo inexcedível nas universidades do século XIII" (NUNES, 1979, p. 317). E teve como maior expoente dessa nova abordagem intelectual Santo Tomás de Aquino.

> A escolástica é um modo de pensar a um sistema de concepções em que se valoriza a vida terrena como dom admirável de que usufruímos para o nosso bem a para o nosso desenvolvimento pessoal a **em que se admite que o ser do homem não se esgota no breve tempo da sua existência terrena, uma vez que o homem tem um fim supraterreno a eterno e o destino de uma vida interminável**, sobre poder crescer ainda neste mundo na vida sobrenatural que ele obtém através do batismo. A escolástica foi método e doutrina que nasceram**, cresceram e se aperfeiçoaram nas escolas, desde os modestos recintos monásticos até às rútilas cátedras universitárias**. Da tradição antiga mantiveram-se na primeira parte da Idade Média os comentários que os professores teciam aos textos examinados em classe, pálido vestígio dos freqüentes e, por vezes, imensos comentários que os autores antigos compuseram sobre obras filosóficas, literárias e religiosas e que se estenderam às científicas na Idade Média, especialmente à volta dos séculos X, XI e XII (NUNES, 1979, p. 315, grifo nosso).

Nesse sentido, a escolástica estava ligada tanto à "concepção filosófica da vida terrena, da sua transcendência as limitações deste mundo", como uma visão do mundo cristã, em que a "revelação de Cristo assegura que a vida continua além da morte, que um destino bom ou mau aguarda o homem conforme seu modo de viver na terra" (NUNES, 1979, p. 317). É importante ressaltar que a mesma, não surgiu no século XIII, o que podemos falar é de um aperfeiçoamento, pois a escolástica foi uma doutrina que nasceu nas escolas.

Não se pode deixar de mencionar as faculdades de Direito, Medicina e Teologia, as quais permanecem na atualidade, e que, durante o século XIII, foram os cursos que mais se destacaram na Universidade. O Direito que estava dividido no canônico e civil, este relacionado às coisas terrenas e aquelas necessidades espirituais. A Medicina foi considerada como uma "arte mecânica", manual, e teria sido desvalorizada socialmente. Pois, historicamente, acreditou-se que tratava na verdade de "um conjunto de práticas mágicas, e fora muitas vezes rejeitada pela Igreja". Do mesmo modo, até "fins do século XIII não se praticava a dissecação de cadáveres pois, sendo homem feito a imagem e semelhança de Deus, abrir seu corpo seria de alguma forma uma violência para com a Divindade" (FRANCO JUNIOR, 2001, p. 50).

A Teologia[22], sem dúvida, mesmo toda laicização da sociedade e da cultura houve no século XII, foi o curso universitário que mais gozou de prestígios. O conhecimento nessa área estava contido naquilo que tinha sido revelado por Deus, direta ou indiretamente, na Bíblia (FRANCO JÚNIOR. 2001, p. 66). Assim, buscou-se unir a partir do século XIII a fé com a razão, ou melhor, reaproximar a teologia da Filosofia. Porém, a Igreja tinha uma constante "preocupação" com o contato com obras que pudessem ir de encontro com os princípios cristãos,

[22]"A escola medieval é principalmente, no seu período áureo, a escola superior, a universidade; utiliza autores especiais, trabalha com os seus textos prediletos. Assim, *auctoritasem* **teologia é o ensinamento da Igreja, é o texto da Sagrada Escritura, são as obras dos Santos Padres a as Atas dos Concílios**. Em filosofia, são as obras de Aristóteles, os livros de Boécio a de Santo Agostinho, etc. Na área do direito, a auctoritassão os livros do Corpus Iuris Civilis, a em medicina, as obras de Hipócrates e Galeno, dos médicos árabes e judeus. A ratio, por sua vez, vem a ser a razão humana, isto é, o uso constante do raciocínio, a prática da reflexão filosófica, a disposição do pensamento em argumentações silogísticas, o recurso à dialética, o gosto das discussões" (NUNES, 1989, p. 317).

> Todas as disciplinas dos cursos universitários, as sete artes liberais, o direito civil e o eclesiástico, a filosofia e a teologia assim como a medicina, eram ensinados com base nos textos. *Legere,* ler, em linguagem universitária significava ensinar **e quando a Igreja proibiu a leitura de Aristóteles devido ao perigo para a fé causado pela mescla dos comentários averroístas com os ensinamentos aristotélicos, ela vetou, de fato, o ensino público da doutrina de Aristóteles**. Nas várias disciplinas a leitura fazia-se em obras que tinham autoridades e serviam de modelos, tal como Prisciano em gramática, Cícero em retórica, Aristóteles na dialética, etc. Os textos tornaram-se princípio de estagnação, explica Chenu, desde que os estudiosos se limitaram à sua letra como se fosse o conhecimento definitivo, o único objetivo do saber, de forma que, por exemplo, saber medicina era conhecer o Canon de Avicena e não o corpo do homem, e saber filosofia era conhecer a doutrina de Aristóteles e não investigar as causas dos seres e o significado da existência (NUNES, 1979, p. 230, grifo nosso)**.**

2.1 A Educação em Ramon Llull (1232-1311)

Para Ramon Llull, a Educação é um instrumento básico para se chegar ao conhecimento, à sabedoria. Os Medievais refletiam muito sobre aspectos como a felicidade, o Bem, o Além. "Na Idade Média, a educação era vista como um instrumento para se alcançar a Sabedoria, que consequentemente, levaria o homem à Felicidade, um bem desejado por si mesmo e mais perfeito que todos os outros bens" (apud COSTA, 2003, p. 99). Os manuais pedagógicos são uma síntese de como se comportar, por exemplo, o manual de Dhuoda também tinha uma preocupação com a educação do filho, no que diz respeito a educação cristã[23]. O padrão de Ramon Llull era Jesus Cristo, ou seja, era o exemplo de perfeição, no qual os homens deveriam se espelhar, já que muitos tinham se desviado da primeira intenção (Amar e servir

[23][...] um manual de alto valor, educativo para o seu filho Guilherme, a 30 de novembro de 841, e terminou-o a 2 de fevereiro de 843. O livro compõe-se de 81 capítulos divididos em onze partes. Na primeira parte Dhuoda fala da sublimidade de Deus e do seu amor. Na segunda discorre sobre o mistério da Santíssima Trindade, sobre as virtudes teologais e a oração. Na terceira expõe a moral social. O Manual de Dhuoda é a obra mais original da pedagogia no período carolíngio e no seu gênero é única na primeira parte da Idade Média. No Manual a fidelidade a Deus, aos pais e ao rei é engrandecida e recomendada e Dhuoda assenta a educação nas profundas convicções religiosas para ajudar o filho a ser um homem de bem e um cristão esclarecido e coerente" (NUNES, 1979, p. 230).

a Jesus Cristo), e os olhos que eram para contemplar as coisas espirituais, olhavam para os materiais (apud COSTA, 2006).

O maiorquino é um grande crítico do seu tempo e a *obra Doutrina* é considerada uma síntese do seu pensamento, além de ser um livro fundamental para a compreensão do século XIII, quando se trata da educação e religiosidade. Essa obra foi escrita por volta dos anos 1274-1276, dedicada ao seu filho Domingos. Sabe-se que a educação medieval não tinha só o objetivo de divulgar o saber científico, mas a proposta iria além, ou seja, era um ensino atrelado a uma educação moral, não tinha um valor puramente material, mas estava diretamente ligado ao Imaginário da época, era constante a preocupação com a Salvação da alma.

2.2 Doutrina para crianças: um manual pedagógico (1274-1276)

Como um bom pai, na obra *Doutrina para Crianças* (2010), Ramon Llull mostra que os pais devem ensinar os seus filhos, revelando a brevidade da vida, ou seja, como é importante que a criança cresça distante das "obras mundanas", e aprenda os princípios cristãos. Esta obra está dividida em cem capítulos, divididos em onze partes. Cada uma trata dos assuntos relacionados a uma educação cristã que são: Dos Treze Artigos, Dos Dez Mandamentos, Dos Sete Sacramentos da Santa Igreja, Dos Sete Dons que o Espírito Santo dá, Das oito Bem- Aventuranças, Dos Sete Gozos de nossa Senhora, Das sete Virtudes que são os Caminhos da Salvação, Dos Sete Pecados Mortais pelos quais o Homem vai a Danação Perdurável, Das três leis, Das Sete Artes.

Para Llull (2010, p. 03), o homem deve ensinar seu filho a amar e servir seu "glorioso Deus". É "conveniente que o homem mostre a seu filho a forma de cogitar a Glória do Paraíso e as penas infernais [...], pois através de tais meditações, a criança se acostumará a amar e temer a Deus, conforme os bons ensinamentos". Desse modo, precisamos compreender como funcionava a Educação, será se a criança possuía algum valor? Que valores eram importantes? "A obra Doutrina foi uma das primeiras obras

pedagógicas na Idade Média em língua vulgar e um dos primeiros livros escritos para crianças" (ZIERER, 2013, p. 327). Visava a educação infantil, visto que nessa época a Educação estava fortemente ligada à religião. Na Idade Média, "a religião era, com efeito, a mola propulsora de toda a atividade pedagógica; o estudo e a investigação não tinham finalidade em si mesmos", contudo, "endereçavam à busca da perfeição cristã; enfim, o elemento religioso ocupava a posição central na vida interior da Idade Média cristã" (NUNES, 1979, p. 241).

Dessa forma, Le Goff afirma que "[...] em nenhum outro tempo histórico houve um ' modelo humano' tão bem definido como na Idade Média. Para ele, este modelo era o homem cristão, logo, era natural que a educação empreendida tivesse como intuito a formação de um homem pautado na fé cristã e seguidor dos preceitos da Igreja Católica" (apud COSTA, 2007, p. 13). Esse é um diferencial da Idade Média para atualidade que tem o ensino separado das questões religiosas,

> Na Idade Média a religião era, com efeito, a mola propulsora de toda a atividade pedagógica; o estudo e a investigação não tinham finalidades em si mesmas, mas endereçavam a busca da perfeição cristã; enfim, como diz Willmann, o elemento religioso ocupava a posição central da vida interior da Idade média (BASCHET, 2006, p. 143).

Os ensinamentos deveriam estar pautados na fé Cristã. Assim, reconhecemos a importância da obra *Doutrina para Crianças*, escrita no século XIII, por um pai preocupado com a boa educação do seu filho para que o mesmo entendesse os ensinamentos cristãos, já que a Salvação da alma era o objetivo central do homem Medieval. Dessa maneira, outros pais mostrariam as suas crianças também o caminho que elas deviriam seguir para se tornar cristãs. A importância dada a criança irá crescer a partir do século XIII. A princípio, e como acontece na Idade Média, um sentimento poderoso vai buscar seu fundamento e sua legitimação na religião.

O Cristianismo contribui para a valorização da criança, mostrou que o reino dos céus seria alcançado somente por quem fosse semelhante a

elas (crianças). Por reconhecer essa importância, Ramon adverte o seu filho que a vida é muito passageira, e tudo o que ele fizesse aqui seria determinante para alcançar o Paraíso (LLULL, 2010, p. 40).

> Para conduzir o homem à salvação eterna foi construído durante a Idade Média um projeto pedagógico pautado na moral cristã, que regularizaria a vida humana e levaria assim o indivíduo a desfrutar das condições perpétuas de salvação. A detentora do ato humano na Idade Média era a Igreja, a educadora do povo desde o fim da Antiguidade, que buscava aliar a educação científica à moral e principalmente à educação da alma. Era a Igreja a representante de Deus na terra, e a ela cabia à elaboração das regras que levariam o homem ao Paraíso ou ao Inferno após a morte (GOMES, 2007, p. 35).

Nisso, observa-se uma forma de organização social também, esse projeto levaria cada indivíduo a ter uma forma de comportamento adequado aos ensinamentos que a Igreja divulgava. Não podemos questionar a verdadeira intenção de Ramon Llull, mas sabemos que ele teve um pensamento inovador, valorizando a educação infantil deixando para seu filho princípios que deveria seguir. Voltado para uma moral cristã, Llull com uma sensibilidade de um pai ensina o seu filho:

> O amor que é uma forma muito profunda e especial de afeto, difícil de ser descrito, difícil de ser registrado a não ser nas emoções daqueles que o compartilham. Por isso, a História registra sempre o que se veste, onde se vive o que se come, mas dificilmente narra como se ama, especialmente a intensidade e a forma do amor. Os tipos de textos consultados pelos historiadores - as Crônicas, por exemplo - estão mais atentos aos acontecimentos importantes, aos personagens e à política. Assim, ofereceram pouco espaço para o mundo infantil, deixando muitas perguntas que não puderam ser respondidas satisfatoriamente. Por exemplo: como pais e filhos exprimiam seus carinhos, suas incompreensões? De que forma as crianças apreenderam o mundo existente? Como reagiram à escola e aos estudos? (COSTA, 2002, p. 02).

Ramon Llull tenta transmitir ao seu filho, e para os outros pais, valorizando a criança, e os cuidados primordiais com a educação, sobretudo, uma educação cristã, que tinha como principal objetivo a salvação. Isso

mostra que como um pai teve amor, cuidados e carinho para com seu filho, como em qualquer outro tempo histórico. Não podemos negar a existência de um sentimento "forte" paterno, apresentado por Ramon Llull ao seu filho Domingos, e o historiador Ricardo da Costa (2006) classifica como "um ato de amor puro", ou seja, o amor esteve presente em todos os períodos da humanidade, sendo expressado de formas distintas. A obra *Doutrina para Criança vem* mostrar a preocupação de um pai para seu filho, confirmando a preocupação também com as crianças para terem um bom ensinamento e aprender a mensagem da fé cristã, conduzindo, dessa forma, a criança ao caminho da Salvação.

O filósofo como um defensor dos ensinamentos cristões entendia que a criança precisa ser ensinada. O Cristianismo trouxe uma revolução pedagógica quando se trata da Educação, incentivou a valorizar a criança como ser humano e também ensiná-la desde a infância a ter uma orientação cristã. Jesus consagrou às crianças, esse exemplo foi tomado pelos educadores cristãos de ensinar os pequeninos o mais cedo possível. A Bíblia declara "[...] ensina a criança no caminho que deve andar e quando estiver mais velha não se desviara dele" (Provérbios. 22,6). Ensinar nessa fase era mais fácil. Desde a Antiguidade Platão afirmou que "É mais fácil educá-la na infância, uma vez que adquirem para sempre o caráter que se deseja imprimir" (apud OLIVEIRA, 2010, p. 23).

Segundo os relatos bíblicos, é na infância que deveria logo iniciar o processo de ensinamentos cristãos, para que a criança fosse educada, compreendendo que a vida era reflexo da vontade divina, e o comportamento aqui embaixo seria determinante para a salvação da alma. Na obra *Doutrina para Crianças*, isso vai estar bastante claro, já que se trata de um manual pedagógico, que ensinaria a criança a manter uma vida pura para assim poder alcançar a salvação. Llull estava preocupado em mostrar que a Religião e Educação caminham juntas, porém, o conhecimento de Deus era mais importante, pois é ele que daria a vida eterna.

> Para Llull ' ciência é saber o que existe'. Segundo o filósofo existem dois tipos de ciência: uma adquirida e a que é dada pelo Espírito Santo. Paulo, baseado

> em Isaias, recorda que será tirada a sabedoria dos sábios, pois para Deus a sabedoria deste mundo é loucura. Llull afirma que a ciência dada pelo Espírito Santo é ' maior e mais nobre que aquela que o homem aprendeu nas escolas de seus mestres', pois a ciência infundida dá consciência aos pecadores e ilumina os olhos dos homens que estão em erro. O conhecimento de Deus é dado ao homem para que este O ame mais que todas as coisas e assim seja conduzido a salvação. Segundo o filósofo, o homem que tem mais conhecimento de Deus e age condizentemente a este terá maior glória (GOMES, 2007, p. 30).

De acordo com Llull (2012, p. 78), os homens devem aprender a Amar a Deus usando sua mente racional, para atingirem a glória que não terá fim. Era buscando a sabedoria e aproximação com o criador que o homem poderia consolidar uma boa Educação voltada para Salvação da alma, desse modo, "A educação é acostumar o outro ao hábito mais próprio a obra natural. Pois assim como a natureza segue seu corpo e não se desvia de sua obra, as crianças, no princípio, se acostumam à boa educação ou má". Dessa forma, destacamos uma grande contribuição também de Santo Anselmo, o qual por volta do século XII fala sobre sua percepção sobre a educação,

> [...] a melhor educação é aquela que é incutida na pessoa desde a infância, pois é capaz de moldar a criança para a vida em sociedade. Em uma das cartas escritas por seu discípulo Eadmero, verifica-se este propósito do mestre Anselmo. Nela ele comparou o estado da cera com o do espírito da pessoa. Observou o mestre que, quando a cera está muito mole, é impossível moldar qualquer forma nela; o mesmo ocorre com a criança. Quando é recém- nascida ainda não está preparada para aprender. Quando a cera está dura, nenhum artesão consegue modificar seu espírito porque já está moldado de uma dada maneira. Daí a necessidade de principiar a educação das crianças assim que elas alcançam certa idade/ forma, agindo do mesmo que artífice ao moldar a cera (OLIVEIRA, 2010, p. 25).

2.3 As sete Artes Liberais e outras Ciências na obra Doutrina para Crianças

O maiorquino dedica um capítulo para tratar a respeito das setes artes liberais, das mecânicas, e outras ciências. Ele reconhecia a importância

que ambas tinham para uma melhor compreensão do mundo, sobretudo de Deus "O conhecimento de Deus é dado ao homem para que este O ame mais que todas as coisas e assim seja conduzido à salvação". Dessa forma, "o homem que tem mais conhecimento de Deus e age condizentemente e este terá maior glória" (GOMES, 2007, p. 30). O projeto pedagógico luliano tinha como objetivo levar o homem a estar cada vez mais perto do criador. Baschet afirma que:

> Santo Agostinho legou aos educadores medievais os princípios pelos quais eles se pautassem quanto á orientação dos estudos: deveriam dedicar-se ao aprendizado das artes liberais e mecânica, e a filosofia a fim de aproveitarem ainda mais no Estudo das Sagradas Escritura que ensina o que é preciso saber e praticar para alcançar a vida eterna e feliz (BASCHET, 2006, p. 88).

Como já falamos antes, a Educação estava ligada à Religião, aprender significaria utilizar tudo para uma elevação espiritual, segundo a compreensão de Ramon Llull, assim na obra fica bastante nítida essa preocupação "[...] em uma ética moral religiosa, onde a busca pelo conhecimento passa por sucessivos degraus. Em suma educar é o ato de elevação espiritual". (COSTA, 2003, p. 07).

A utilização das artes liberais significaria uma orientação para cada indivíduo compreender as Sagradas Escrituras (NUNES, 1979). Ramon Llull (2010) adota esses saberes ensinando seu filho também usar os mesmos, pois, o modelo ideal de educação para o maiorquino, era compreender o material, ou seja, o que estava a volta do ser humano, para dessa forma conhecer Deus em ciência. As artes liberais proveriam de fato a libertação humana do mundo terreno.

Llull (2010, p. 58) afirma ao seu filho que o uso da *gramática* seria importante para que ele aprendesse a escrever retamente e também passasse a conhecer outras ciências. "[...] primeiramente convém que passes por esta arte da Gramática, pois ela é o portal pelo qual se passa para saber as outras ciências". Também ensinou o seu filho, inclusive, traduzir toda a obra *Doutrina para Crianças* para o Latim, na finalidade de enriquecer o

seu vocabulário. A *Lógica* seria a ciência que exalta o entendimento humano demonstrando as coisas falsas e verdadeiras, ou seja, o entendimento seria o responsável para mostrar ao homem reconhecer tanto o bem como o mal, e alcançar a verdade de Deus,

> Amável filho através da lógica saberás conhecer os gêneros, as espécies, as diferenças, as propriedades e os acidentes, chamados de os 5 universais. Através deste conhecimento, saberás descer das coisas gerais para as especiais, e saberás elevar teu entendimento. Através da lógica saberás sustentar, e concluir o que disseres, e pela lógica defender-te-ás para que não possam te enganar com palavras sofisticas, e será mais sutil em todas as outras ciências (LLULL, 2010, p. 59).

A*retórica* era importante para que aprendesse a falar bem, sobretudo, nos discursos sendo agradáveis aos ouvintes. A retórica mostra como o homem deve falar, qual deve dizer no fim e quais no meio, "Convém que tuas palavras concordem com todas essas ditas, para que sejam agradáveis ás gentes e a Deus" (LLULL, 2010, p. 59). Para Llull, o "caráter interdisciplinar é exposto, os saberes têm dependências entre si, e um serviria de auxílio para compreensão da outra, o *trivium* representa para o filósofo uma unidade" (apud GOMES, 2007, p. 31). Assim, essas três primeiras artes são consideradas, como sendo de extrema importância para que os cristãos estejam preparados tanto para si quanto para alcançar o público de "infiéis", eram as três disciplinas básicas.

As *Quadrivium* também faziam parte das artes liberais que eram a *Aritmética* que seria o ato de multiplicar somas em somas e dividir uma soma em muitas, assim o homem poderia melhor reter o número na memória. A *Geometria* é a doutrina de formas imóveis, que serviria para analisar as dimensões da terra, do que tinha sido feito pelo Criador. "Através dessa arte, o homem tem conhecimento da altura da torre, da distância e dos altos montes, e através das medidas que o pensamento humano pode multiplicar imaginariamente, se tem conhecimento da grandeza de Deus, que é maior que todo o mundo" (LLULL, 2010, p. 59).

A *Astronomia* ciência demonstrativa, que levaria a aproximação de Deus, seria mapeamento do céu através dos Astros, "[...] é a ciência demonstrativa pela qual se tem conhecimento que os corpos celestiais têm senhoria e operam sobre os corpos terrenos. Isso acontece para demonstrar que a virtude que existe nos corpos celestiais vem de Deus, Soberano dos céus e de tudo quanto existe" (LLULL, 2010, p. 60).

A *Música* seria uma arte de cantar de forma bela e correta, para que o homem louvasse a Deus, longe das vaidades humanas.

> A Música é arte pela qual temos doutrina para cantar e soar instrumentos corretamente, rápido e lentamente, elevando, baixando e igualando os tempos breves e as vozes, de tal maneira que diversas vozes e sons sejam concordantes. Assim, filho, essa arte foi descoberta para que, cantando com instrumentos, o homem seja louvador de Deus. **Os clérigos possuem essa arte pois cantam na igreja para louvarem a Deus** (LLULL, 2010, p. 59, grifo nosso).

Os clérigos deveriam, segundo Llull (2010, p. 68, grifo do autor), mostrar ao homem uma boa educação e bons costumes, para que os homens pudessem receber a graça de Deus. "Os clérigos foram estabelecidos em paróquias e em lugares para *cantarem missas*. Filho é feita tão grande honra ao clérigo, para significar que a honra a Deus é feita, pois neste mundo nenhum homem é tão honrado quanto os clérigos".

> Através de las artes y ofícios de los maestros, Llull ve y percibe sensualmente las intelectualidades, esdecir, basta que los hombres que deseenenamorarse de Dios y derramar muchas lágrimas mirenlos oficios mecánicos, pues todas estas artes representan la pasión de Jesucristo56; basta que nosotros miremos todo com ojos amorosos y contemplativos: todo representa a Dios, Dios se encuentraen todo, en todas partes (COSTA, 2006, p. 138).

Para Ramon Llull (2010, p. 60), os estudos das Sete Artes liberais eram pertinentes, pois abria a mente humana para entender as outras ciências: A Teologia, a Medicina, a Ciência do Direito. Assim instruía seu filho a estudar todas a ciências e aprender outras línguas. A *Ciência da*

Teologia, segundo o filósofo, era a ciência de falar de Deus. Disse ao seu filho: "Saibas que essa ciência da teologia é mais nobre que todas as outras. E como essa ciência é mais conservada e amada pelos homens religiosos, por isso eles são tão honrados". Essa ciência serviria para o homem conhecer a Deus, e fugir dos "infinitos trabalhos". Os clérigos deveriam aprender Teologia para mostrar aos homens como se guardar dos pecados. Llull continua afirmando que era importante o uso da filosofia,

> Fé e Razão convém na sentença da Teologia para que, se a fé cair, o homem se ajude com razões necessárias, e se a razão cair no entendimento humano, que o homem se ajude com fé, crendo nas coisas de Deus que o entendimento não pode entender. Filho, Aristóteles, Platão e os outros filósofos que, sem fé, desejaram ter o conhecimento de Deus não puderam elevar seu entendimento tão alto para que pudessem ter, declaradamente, conhecimento de Deus, Eles não desejavam crer nem ter fé naquelas coisas pelas quais o entendimento humano, através da luz da fé, se exalta para entender Deus (LLULL, 2010, p.60).

Quanto a *Ciência do Direito* ensina ao filho que o Direito está dividido em duas partes: "Direito canônico e Direito Civil. Por isso, o Direito canônico é Direito divino e Direito civil é direito terreno, do costume, e pertence ao uso dos príncipes para que mantenham a justiça" (LLULL, 2010, p. 60). Mas, afirmava que tanto o canônico como o civil, tinham falhas, e muitos usavam para mal. Advertiu ao filho se quisesse aprender o Direito que fosse utilizado para o bem,

> Filho se desejas aprender o Direito para cometeres erro, desejas saber o Direito porque amas o erro; e aprendes o Direito civil com o patrimônio da Santa Igreja, cometes erro ao Direito canônico. Mas se tu aprendes o Direito para manteres os pobres que não têm o que dar aos advogados, serás maravilhosamente agradável as gentes e a Deus (LLULL, 2010, p. 60).

Para Ramon Llull (2010), o Direito Civil e Canônico estavam diretamente ligados um ao outro, e caso alguém quisesse aprender, deveria ser usado para ajudar os pobres, os humildes, aqueles que necessitavam da justiça espiritual e justiça terrena, pois existia uma inconveniência entre a

teoria e a prática, assim uma coisa seria o Direito na teoria, e seu contrário é o direito na prática. E a *Ciência da Medicina* seria "a ciência que une o que é natural para conservar a natureza e retorná-la aquilo no qual estava frequentemente no corpo animado. Assim, filho, essa ciência possui três princípios: o primeiro é natural, o segundo inatural e o terceiro contra a natureza" (LLULL, 2010, p. 63). Assim, ensina o filho como importante é comer e beber moderadamente, e ter cuidados com a saúde, ressaltando aspectos como dormir, acordar.

> Filho Comer e beber muito faz com que o homem encha as tripas do intestino, fortificando a operação natural que parece minguando o calor natural fortificando por se estar muito cheio. Dormir muito destrói o espírito e o priva do calor natural, que convém por trabalho e por movimento, trabalhar muito destroem o calor natural (LLULL, 2010, p. 65).

Diante disso, podemos notar que o maiorquino desejava dar uma educação para seu filho envolvendo vários aspectos da vida espiritual e terrena, queria que seu filho aprendesse as Artes liberais e mecânicas, as ciências, que usasse a razão, cuidasse do corpo, da alma, e se preocupasse também com a salvação da alma. Como veremos no próximo capítulo, essa questão dos vícios *versus* virtudes, será um dos grandes marcos para o homem cristão, e a glutonaria, fazia parte dos pecados capitais.

Llull (2010, p. 66) embora tenha uma visão do mundo espiritual não despreza os estudos das Artes Mecânicas que para ele é "ciência lucrativa manual para dar sustentação à vida corporal. Filhos, nessa ciência estão os mestres, isto é os lavradores, os ferreiros, os marceneiros, os sapateiros, os alfaiates, os mercadores e os outros ofícios semelhantes a esses".

> Sin embargo, en Mallorca yaexistíanescuelasconventuales organizadas por losdominicos que enseñabanlas artes deltrivium (gramática, retórica y lógica). De unamanera general, lavisión que Llull tiene de las artes mecánicasesmuypositiva.Paraél, debemos agradecer a Dios por habernos dado el arte y el oficio del comercio, pueslosmercaderescambianlas cosas malas por lasbuenas, y sus errores –como la venta de cosas para los deleites corporales– no vuelvensu oficio desgraciado (COSTA, 2006, p. 137).

Essa ciência seria responsável pela sobrevivência do homem, pois sem a mesma, o mundo não seria ordenado. O ofício mecânico deveria ser ensinado para o filho desde cedo, para que o mesmo pudesse viver do seu trabalho. Assim, fala ao seu filho Domingos e a outros pais,

> A mais segura riqueza é enriquecer seus filhos com algum ofício que lhe dar dinheiros e posses, pois todas as outras riquezas desamparam o homem que não tem um oficio. Logo, filho, eu te aconselho que lhes mostrasse algum oficio. Não existe nenhum ofício que seja bom, mas assim como todo homem poder pegar qualquer nome ou sinal que quiser, todo homem pode eleger um bom ofício. Por isso meu filho, aconselho-te que elejas um bom ofício (LLULL, 2010, p. 67).

Apesar de ensinar essas artes ao filho, Llull aconselha seu filho na *Doutrina* a não ter tanta confiança na ciência ensinada nas escolas, mas somente a ciência que vinha do "Espirito Santo". Quanto ao conteúdo, já vimos que os estudos medievais compreendiam: - o *trivium* (gramática, dialética e retórica) e o *quadrivium* (aritmética, geometria, astronomia e música). As diversas ciências (Da Medicina, Do Direito e Da Teologia).

De acordo com Llull (2010, p. 45), nada disso faria sentido, se não fosse interligado à fé, ou seja, era preciso um compromisso com o mundo invisível, pois cada um prestaria conta no Juízo Final. Ele foi um grande defensor de uma educação moral, e em algumas passagens da obra ressaltou para o filho a importância de Amar e honrar o Filho de Deus "Amável filho, tu nasceste e vieste ao mundo para honrar e servir esse Filho de Deus do qual te falo, pelo qual vieste ao mundo, e serás servo e cativo de perduráveis trabalhos, pelos quais serás julgado pela sentença de Nosso Senhor Deus".

3

O *Além* na obra Doutrina para Crianças

> O homem foi concebido à sua imagem e semelhança e todo o seu comportamento deveria conduzi-lo a uma só finalidade: **a de amar e servir a Deus em vida para desfrutar da sua glória, no Paraíso, após a morte**. A desobediência às leis divinas o faria purgar no Inferno para toda a eternidade. Essas leis foram todas definidas pela Igreja Católica, com base nas tradições judaica e grega, adaptadas às necessidades de domínio da Igreja sobre a sociedade como um todo. De modo que, observa-se em todos os textos medievais, qualquer que seja a facção da sociedade que o tenha produzido, eles estarão sempre contagiados por esse ideário religioso (SOUZA, 2011, p. 8, **grifo nosso).**

Educar para salvar. Essa era uma das finalidades da Educação Medieval, já que os padrões morais do Ocidente foram decisivamente configurados pela Igreja Católica, ou seja, cada homem deveria presar pela sua moral, essa ideia ganha força a partir do momento que a Igreja se fortalece e divulga sua mensagem de fé. A crença na existência da vida após a morte é um dos temas mais intrigantes da humanidade. Ao longo da História, vemos várias representações desse Além nas mais diversas religiões. Isso, não é diferente na sociedade contemporânea, visto que continua a existir "um céu religioso", na perspectiva de quem ainda acredita que o fim da vida terrena não significa o término de tudo, mas começa um novo ciclo que ligado ao mundo sobrenatural.

Talvez, para muitos, seja muito problemático pensar nessa existência do Além, mas para quem viveu aquela época, antes de muitos esclarecimentos científicos, aqueles longos séculos não tiveram limites entre o real e irreal, visível e invisível. Isso, não quer dizer que para muitos homens contemporâneo, o Sagrado não exista mais. Não é isso, percebe-se no

nosso dia a dia, a permanência desse Sagrado. A finitude da vida e o que aguarda cada pessoa depois do fim, da morte, são questionamentos ainda muito presente em nossa sociedade, porém, para outras pessoas esse "Céu Sagrado", desapareceu.

A preocupação dos homens e mulheres medievais com o pós-morte ocupava um lugar central. Sabemos que o Cristianismo professa a ressurreição dos corpos, cujo o modelo e garantia é ressurreição de Jesus após sua morte terrestre na cruz. Cada indivíduo seria responsável por seus atos e o comportamento durante a sua vida terrena. Isso seria decisivo para a eternidade viver em paz ou perturbação eterna (LE GOFF, 2006, p. 21)

Segundo Jacques Le Goff (2006), os relatos de viajantes no Além, permitiu que cristãos conhecessem dois lugares essências: O Paraíso e o Inferno, porém, essa geografia do Além muda a partir do século XII. Com a invenção de um terceiro lugar intermediário, o Purgatório. Essa lógica transforma completamente a relação entre vivos e mortos, uma vez que os que estavam vivos poderiam fazer algo pelos que ainda seriam julgados.

> Na segunda metade do século XII, inventou-se um lugar independente para esses eleitos sob sursis, o Purgatório. Esse foi o "terceiro lugar do Além", intermediário entre o Paraíso e o Inferno, lugar que desaparecerá no Juízo Final, esvaziado de seus habitantes, todos elevados ao Céu. O tempo de estadia no Purgatório dependia de três fatores. Ele era, primeiro, proporcional a quantidade de pecados (chamados doravante "veniais", isto é, remissíveis, por oposição aos pecados mortais, e irremissíveis para evitar o fogo do Inferno) dos quais o defunto estava carregado no momento de sua morte. Dependia, dos "sufrágios" (preces, esmolas, missas) que os vivos, parentes ou amigos, pagavam para abreviar o tempo de Purgatório de certas almas (LE GOFF, 2006, p. 31).

Assim, é interessante pensar que mesmo antes do surgimento do Cristianismo o contato com os mortos sempre foi parte integrante das crenças, e o ministério de forças sobre naturais. Existia uma perspectiva de forças tanto do mal e do bem, esse campo de batalha de vida ou morte que é o mundo, "o homem tem por aliados Deus, a Virgem, os Santos, os anjos e a Igreja, e, sobretudo sua fé e suas virtudes; mas também tem seus

inimigos: Satã, os demônios, os heréticos e, sobretudo, seus vícios e a vulnerabilidade advinda do pecado Original". E apenas os virtuosos alcançariam uma vida eterna, e para isso, o homem ou a mulher medieval deveriam seguir uma vida de retidão, ter um bom comportamento. É nesse sentido que Educação seria imprescindível para incutir no homem como deveria ser seu procedimento de vida (LE GOFF, 2006, p. 22). É interessante pensar nesse homem medieval que buscava tanto preservar essa moral cotidiana, assim como manter a fé em um mundo invisível.

> Na Idade Média, o Além foi cacife no jogo devocional e social. As práticas ligando vivos e mortos e as instituições de memórias frequentemente tiveram o Além como cacife, e também como instrumentos para as estratégias terrestres, a busca de alianças e de poderes aqui em baixo. O Além foi um dos grandes domínios do imaginário Medieval. Inspirou uma importante literatura de ficção e uma rica iconografia, testemunhando a fecundidade da atividade criativa dos artistas medievais. Ele se constituiu num grande reservatório de imagens encarnando **a ideologia e a sensibilidade cristãs e desempenhando um papel concreto na luta escatológica do cristão** (LE GOFF, 2006, p. 22, grifo nosso).

O que definiria um "bom cristão"? Este seria era aquele que cumpriria as obrigações e as instruções religiosas estipuladas pela Igreja. E, estas instruções deveriam ser dadas principalmente quando crianças, por meio do "catecismo", o qual ensinava as práticas religiosas do catolicismo, ou seja, instruía desde cedo a rezar, ir à missa, e não cometer faltas ou pecados. Dessa maneira, a Igreja propunha um objetivo final, a Graça, com a qual o cristão alcançaria a vida eterna (LE GOFF, 2007.p. 56). Desse modo, os medievos acreditavam que o Além realmente existia. Essa lógica, muda completamente o comportamento da vida terrena, pois, as relações e atitudes cotidianas são marcadas por essa crença. As revelações sobre os lugares do Além, vão ter seu conteúdo e sua forma alterados em cada contexto histórico e foram sendo ressignificados e estabelecidos ao longo dos séculos.

Nos primeiros séculos cristãos, pensou-se em um lugar de descanso, o *refrigerium*. Outro lugar seria o "seio de Abraão", que reconforta por um

Imaginário de retorno ao Pai. Para Le Goff (2006), desde os primórdios do Cristianismo, o sistema Juízo Final/ Inferno/ Paraíso colocou difíceis problemas para os cristãos. Os lugares no Além foram rapidamente estabelecidos. No Céu, seria o lugar em que estaria localizado o Paraíso, lugar de delícias e paz, e sob a terra estaria a localização do Inferno, o qual constituiria um local totalmente diferente tão almejado Paraíso.

É claro que não podemos deixar de mencionar que uma das grandes heranças da Antiguidade foram os escritos da Bíblia. Esta, segundo Le Goff (2006), foi um importante patrimônio transmitido para cultura medieval e considerada como uma enciclopédia que contém todo o saber sobre o Deus do Cristianismo. Esse livro tido como Sagrado continua na atualidade como uma espécie de bússola para muitas pessoas, bem como serviu nas gerações passadas como um manual de instruções para alcançar a Salvação, além de transmitir uma "mensagem de morte, amor e ressurreição". São nos relatos bíblicos[24] que aparecem os primeiros relatos de viagens para o Além, ou seja, eram pessoas que de alguma forma faziam uma espécie de viagem imaginaria, espiritual. E quando retornavam a terra tinham uma experiência para relatar, isto serviria para incentivar a crença de outras pessoas. Para Lobrichon (2002, p. 123), a Bíblia foi a grande inspiradora das grandes criações intelectuais da Idade Média.

Isso não significa que as representações do *Além* sejam as mesmas, pois em cada sociedade essas representações são compreendidas e elaboradas dentro de contextos históricos específicos. Por isso, é relevante dizer que no período medieval esses aspectos religiosos têm suas características singulares da época, embora grande parte permaneça na atualidade, muita

[24] "Um evangelho apócrifo de origem grega, o Evangelho de Nicodemos ou Atos de Pilates, conta a descida de Cristo aos infernos de onde ele faz sair, para conduzir ao Paraíso, conta a descida de Cristo aos Infernos, de onde ele faz sair, para conduzir ao Paraíso, os justos do Antigo Testamento, patriarcas e profetas que não foram batizados por terem vivido antes da reencarnação. O 4º livro de Esdras, que não tem a estrutura de uma viagem, dá detalhes sobre a sorte dos mortos. O Apocalipse de Pedro descreve sobretudo a escatologia dos últimos tempos e Apocalipse de Paulo, também de origem grega e reescrito diversas vezes em latim desde o século V, descreve o Além tal com visto por São Paulo, "arrebatado no corpo" em sua viagem destinada a converter os não-crentes ou incrédulos. São Paulo foi o primeiro dos "heróis cristãos" que, como Enéias entre os romanos pagãos, teria feito a Viagem ao Além e retornado para contá-la. Depois de ter visto os anjos guardiões encarregados de relatar a Deus as boas e as más ações dos homens, Paulo é levado ao Céu por um anjo que o faz atravessar o firmamento onde se encontram os anjos bons e os anjos maus (demônios) " (LE GOFF, 2006, p. 26).

coisa se modificou, ganhou novas ressignificações. “As descrições do Paraíso e do Inferno feitas nesses relatos mostram que o Além cristão recolheu a maioria de seus elementos no imaginário dos aléns anteriores ” (LE GOFF, 2006, p. 65).

Com relação à comunicação entre o mundo humano e o divino, a manifestação de Deus estava sempre aberta, uma vez que era possível passar de um mundo terreno para o Além. Neste sentido, a literatura medieval relata diversos casos de viagens ao Além. Geralmente, essas viagens eram empreendidas das mais diversas formas (a pé, a cavalo, de barco), quase sempre com um guia (anjo, animal, alma) que dirige a personagem ao seu objetivo. A Igreja tinha um papel doutrinador por meio destas narrativas literárias que mostravam as consequências de toda boa ou má conduta realizada aqui na terra. O Imaginário deste contexto levava as pessoas a estar em constante luta entre o bem e o mal, o belicismo (FRANCO JÚNIOR, 2001). Essa característica esteve bem presente no Imaginário Medieval, esses conflitos envolviam temporariamente todo universo. A exemplo na luta contra o pecado, os monges recorriam às práticas ascéticas, porque acreditavam que o sofrimento os aproximava de Deus.

Colocado no centro da luta entre o Bem e o Mal, com sua alma disputada por anjos e demônios, o homem podia contar com preciosos apoios. Todos estavam ligados a essa dualidade entre o bem e o mal, entre a morte e a vida. Assim, surgiam preocupações de como agradar a Deus. A Caridade é uma dessas maneiras para preencher essas lacunas e ela consiste que o pobre é feito para o rico, que alcança por meio dele a sua Salvação; outra, nova, difundida principalmente pelos mendicantes, é a de que o pobre merece consideração “por seu valor espiritual e humano próprio” (FRANCO JÚNIOR, 2001).

É importante ressaltar que tal pensamento perdurou sobre toda a Idade Média e a maioria das classes sociais estavam envolvidas de certa forma com a Religiosidade e preocupavam-se com as coisas do Além. Havia o predomínio do pensar sobre a vida pós-morte com seus medos, anseios e esperança, ou seja, com a Salvação da própria alma e purificação do corpo.

A obra *A Visão de Túndalo,* por exemplo, relata uma visão ou viagem para o além de um cavaleiro pecador, que com ajuda de anjo, viu as glórias do paraíso e as punições e tormentos do inferno. Essa obra foi escrita no século XII, por um monge de origem irlandesa, autor considerado desconhecido, esta narrativa foi traduzida para o português no século XV, reconhecida e é um exemplo de uma viagem imaginária, uma narrativa de inspiração religiosa, que tem por objetivo convencer a sociedade medieval da "realidade" depois da morte terrena, pois, tinham um desejo pelo paraíso e medo do inferno. Os monges tinham como principal objetivo um maior controle da sociedade cristã e o modo de agir dos fiéis por meio de "visões" que tinham um caráter ideológico, bem como eram os principais responsáveis pela difusão desses relatos, pois viviam nos mosteiros, em que eram os grandes centros de redação dessas literaturas. A *Visão de Túndalo* visa mostrar e testemunhar uma das características fundamentais da mentalidade daquela época, onde o referencial de todas as coisas era o sagrado, o sobrenatural que constitui a verdadeira realidade da época, o que fez com que esta narrativa tivesse uma grande notoriedade e credibilidade por toda a Europa. Pois fortaleceria as concepções do que era pregado na sociedade medieval (ZIERER, 2002, p. 29).

A narrativa da *Visão de Túndalo* conta a história de um cavaleiro pecador, de boa linhagem, que sofre uma morte aparente por três dias, em que passou pelo inferno e sofreu penas. Depois contemplou o paraíso e sua glória percebeu o quanto Deus é justo e que o Reino de Deus era reservado somente para aqueles que tiveram uma vida pura, com renúncias, que faziam a vontade Dele alcançariam a Salvação. E aos que escolhessem o caminho contrário, seriam destinados a viver em punições e tormentas eternas ou temporárias no purgatório (ZIERER, 2002).

> No *exemplum Visão de Túndalo*, a hierarquia na salvação é claramente representada através da divisão do Paraíso em três Muros, o de Ouro, o de Prata e o de Pedras preciosas, onde as almas permaneciam de acordo com seus méritos, sendo o Muro de Pedras Preciosas reservado aos mais puros de todos, isto é, às virgens e aos santos. Pois, de acordo com a crença medieval, aqueles que

> não foram maculados pelo sexo, visto como principal pecado, e que se dedicaram a morrer pela fé cristã, os santos, eram os mais próximos de Deus. Próximos da noção do Paraíso Terrestre cristão são os países míticos das fadas também caracterizados pela abundância e felicidade e localizados muitas vezes numa ilha, como *A Viagem de Bran*. Relatos acerca dessasinsulae foram depois cristianizados e absorvidos, por exemplo, em *A Viagem de São Brandão* (ZIERER, 2002, p. 157, grifo da autora).

A vida após a morte sempre foi um fator de curiosidade da humanidade, como podemos constatar. O homem medieval, como já mencionado, estava muito ligado ao Sagrado e com isso havia um grande temor por parte de alguns, pois como se pode perceber que nem todos possuíam esse temor, a exemplo de Túndalo, que só se corrigiu depois da "Visão" que teve do Além. Desse modo, o medo de ir ao Inferno foi uma arma ideológica que a Igreja utilizou para converter muitos "infiéis" ao Cristianismo, já que as pessoas queriam a Salvação mais pelo medo do Inferno que pelas glórias do Paraíso. Nisto, verifica-se que a "peça essencial do sistema não foi o Paraíso, mas o Inferno" (LE GOFF, 2006, p. 30).

A Visão de Túndalo não vai ser diferente, serviu de exemplo para aquela sociedade, levou muitos a corrigir as suas ditas faltas diante de Deus. Para isso, a sociedade medieval teve por intermédio a Igreja, a qual se considerava a principal responsável pelo povo e afirmava ser escolhida pelo próprio Deus, assim, fez da Idade Média um período de grande Religiosidade. De acordo com Le Goff (2006), a Igreja utilizou o Além para assentar sua dominação sobre os cristãos e justificar a ordem do mundo pela qual velava. Por isso, essa ideia sobre o Além, mudava, dependia dos fatores sociais, culturais, tudo estava devidamente ligado a interferência da Igreja Católica e suas necessidades ideológicas.

O historiador Le Goff (2007) faz uma interessante discussão no livro *O Deus da Idade Média*, diferenciando as diversas facetas de Deus para quem a imagina: um Deus do rico, um Deus do pobre, um Deus do humilde. O que isso muda na sociedade? Muita coisa, pois, foi na crença em um Deus da religião oficial, do catolicismo, que as bases da educação foram estabelecidas, e tinha uma finalidade. Essa seria a Salvação. Como afirma

Schimitt (2002. p. 30), Deus era o resumo de toda a concepção de mundo do homem medieval e havia um plano terreno e espiritual para este homem. O qual deveria seguir os padrões cristãos que o levaria a ter uma vida de acordo com aquilo que a Igreja pregava, a ter uma boa doutrina. Dessa forma, a vida terrena deveria ser vista como algo passageiro, o homem deveria estar ligado à vontade divina (SCHMITT, 1999. p. 304).

Nesse contexto, a lógica predominante era de um homem que teve um começo, relatado no livro do Gênese, em que ao sexto dia o homem foi criado por Deus e colocado no paraíso terrestre chamado de Jardim do Éden. Portanto, o seu criador lhe daria a incumbência de dominar a natureza, contudo, Adão, o primeiro homem criado por Deus, influenciou-se por sua esposa, Eva, a aceitar da serpente, o diabo, o "fruto proibido". Após comê-lo, Adão e Eva pecaram ao desobedecer a ordem divina, pois de todos os frutos presente no Jardim, esse fruto da "Árvore da Ciência do Bem e Mal" seria o único que lhes fora restrito. Dessa forma, na tradição judaico-cristã, assim, instalou-se o pecado no mundo, e ficou registrado na História como o "Pecado Original da Humanidade". Por isso, o homem foi expulso do paraíso terrestre, condenado ao sofrimento (LE GOFF, 1989, p. 08).

A partir do que foi dito, percebemos que os relatos bíblicos provocaram na Cristandade medieval a imagem positiva e negativa do homem. A imagem positiva seria a figura do homem como a melhor criação divina, responsável em dar nomes aos animais, e dependendo da sua vida terrena encontraria o novo paraíso. E a imagem negativa, era de um homem pecador, vulnerável as tentações, e prestes a perder o paraíso, e mergulhar em uma morte eterna (LE GOFF, 1989, p. 09). O homem viveria uma constante batalha e a sua alma seria o palco da guerra, o lugar das grandes decisões. O "homem em marcha, em viagem permanente nesta terra e na sua vida, que são o espaço/tempo efémeros do seu destino e onde ele caminha, segundo as suas opções, para a vida ou para a morte" (LE GOFF, 1989, p. 10).

Conforme Baschet (2006, p. 374), "não se pode compreender o homem medieval, sua vida em sociedade, suas crenças e seus atos sem se considerar o inverso do mundo dos vivos: o domínio dos mortos, onde

cada um deve, finalmente, receber uma retribuição à sua altura", retribuição essa que seria a danação eterna ou beatitude paradisíaca. Na Idade Média, a vida terrena é concebida juntamente com além, o que confere o verdadeiro sentido e traça uma verdadeira perspectiva.

Essa relação com o invisível é um forte traço da sociedade cristã. Todas as atitudes humanas se resumem as virtudes e vícios. Tudo girava em torno dos critérios clericais, ou seja, "vícios e virtudes", liga-se ao fato de que a moral oferece um discurso totalizante sobre o mundo, assim a igreja intervém na sociedade com a "missão" de libertar o homem do pecado e das vaidades. Com era característica do período medieval, existia uma forte contrariedade entre vícios e virtudes (BASCHET, 2006, p. 376). Ao longo de sua obra, Ramon Llull tratou muitas vezes das virtudes cardeais (prudência, justiça, temperança e força) e três virtudes teologais (caridade, fé e esperança), que são criações especificamente cristãs. A virtude, segundo Llull (2010), tornaria o seu portador uma pessoa melhor, moral ou intelectualmente, exigia do ser humano a disciplina do desejo. As "Virtudes teologais: fé, esperança e caridade, sendo que a caridade - no sentido grego de ágape, um amor de dileção, que quer o bem do próximo, sem fronteiras, que busca a paz no sentido mais puro, o amor que é a própria natureza de Deus - é a maior delas" (COSTA, 2006, p. 04).

Dentre essas vaidades poderíamos destacar os pecados capitais "[...] que são ditos como capitais porque se engendram uns aos outros e, sobretudo, porque cada um deles é o ponto de partida de ramificações que dão nascimento a numerosos pecados derivados [...]" (BASCHET, 2006. p. 377). O homem deveria se distanciar de tudo o que pudesse comprometer sua vida cristã, ou seja, o que se tornar empecilho para a sua Salvação. Dessa forma, o homem deveria estar vigilante, pois, poderia cometer um pecado que abriria as portas para outros e assim por diante, e, isso, desagradaria à vontade divina. Foi por volta do século XIII que o Cristianismo impôs a imagem do homem que se perdeu, e afastou do seu criador, criou-se aquela imagem do homem do antigo testamento, de Jó (LE GOFF, 1989).

A grande preocupação da Igreja era sustentar um discurso de que o homem deveria manter uma boa conduta de vida de acordo com os pressupostos cristãos. Por isso, era tão importante a prática das virtudes, e em contrapartida o distanciamento dos vícios. Por exemplo, a Inveja que levava a uma desenfreada competição entre as pessoas, a Ira que induzia a violência e a agressividade, o Orgulho que era um tipo de pecado mais temido pelos clérigos, esses três pecados rompiam com a harmonia cristã. Para Baschet (2006, p. 379), a Preguiça (tristeza) a princípio era um vício essencialmente monástico, mas durante a Idade Média Central, já é um sintoma de ociosidade, remete aos leigos que não cumprem com seu trabalho. A Avareza sem dúvida, foi um dos pecados mais condenáveis, ou seja, era um ataque contra o pecado da Usura, pecado profissional dos banqueiros.

No quadro abaixo, resumimos o que Llull pensa sobre cada um dos pecados capitais e como os explicou ao seu filho. O filósofo não esconde sua aversão, principalmente, ao vício da Luxúria, talvez, porque antes de sua conversão, segundo a obra *Vida Coletânea*, Llull era envolvido com uma amante, e sempre ressaltava a Domingos, que os luxuriosos tinham um lugar reservado no Inferno,

Quadro 2 - Dos Setes Pecados Mortais pelos quais o Homem vai a Danação Perdurável

Dos Setes Pecados Mortais pelos quais o Homem vai a Danação Perdurável	
Da Glutonaria	"Filho, como a glutonaria faz o homem se desviar da razão pela qual Deus o Criou, é um pecado mortal. E como o homem, de acordo com o corpo natural, deseja comer e beber todos os dias, o contrário da glutonaria pode existir no homem em qualquer dia, sendo uma ocasião para a salvação, e tal contrário é a temperança, abstinência, a continência e as outras virtudes que convém contra o pecado" (LLULL, 2010, p. 47).
Da Luxúria	"A luxúria é um desejo não satisfeito, contrário á ordem do matrimônio. Assim, tal desejo é odioso a Deus, que fez a ordem do matrimônio, pois todos aqueles, filho, que estão contra a vontade de Deus, estão contra o que Ele fez e ordenou" (LLULL, 2010, p. 48).
Da Avareza	"A avareza é juntar coisas que são supérfluas ao homem e necessário as aos pobres. Tais coisas, por insaciável desejo, são vedadas aos pobres, e por tal impedimento, os pobres têm fome, sede, frio, nudez, doenças, tristeza e morte" (LLULL, 2010, p. 48).
Da Acídia	A acídia é a tristeza da alma, agravada pelo bem de seu próximo. Assim, saibas, filho, que este vício, e pelo seu contrário, é melhor significada a salvação que por qualquer outra virtude (LLULL, 2010, p. 49).
Da Soberba	O orgulho é opinião e desejo veemente de coragem para que o que é vil seja nobre e o que é nobre seja vil. E o orgulho é o que é contrário á humilhação, que está na nobreza de coração e se inclina as coisas menos nobres para que lhe deem mais nobreza (LLULL, 2010, p. 50).
Da Inveja	A inveja é desejar outros bens sem meritória possessão. Assim, guarda-te desse vício ,filho, tanto quanto passas, de tal maneira que não mereças estar possuído pelos demônios no fogo perdurável (LLULL, 2010, p. 51).
Da Ira	A ira é a perturbação do pensamento que destrói a conveniência entre o desejar e a Inteligência. E como Deus deu ao homem o entendimento para que O entenda, e lhe deu vontade para que O queira, convém que a ira, que destrói o ordenamento que Deus colocou na alma, seja pecado, pelo qual pecado o homem cai na ira de Deus (LLULL, 2010, p. 52).

Fonte: Autoria própria.

Do começo ao fim da obra *Doutrina para Criança*, Llull chama a atenção do filho, para que fique longe desses pecados, pois, seriam contrário à vontade divina. Essa ideia de pecado segue uma única lógica para o homem do medievo, uma vez que tivesse entregue a uma vida de pecado e não se arrependesse, haveria consequência para tais atos, por exemplo, uma morte súbita, em que o homem não poderia se arrepender, consequentemente, estaria condenado ao Inferno. Por isso, o medo e o pavor a morte repentina. A finitude da vida alcançava uma angústia coletiva. Porém, no fim de tudo, com o Juízo Final, a morte eterna da alma seria individual, ou

seja, cada ser humano experimentaria a eternidade no Paraíso ou no Inferno. Vejamos como Le Goff define o Paraíso na perspectiva do homem Medieval,

> O Paraíso é um lugar de paz e alegria, desfrutadas pelos eleitos através de seus principais sentidos: flores e luz para os olhos, **cânticos para os ouvidos, odores suaves para o nariz, gosto de frutos deliciosos para a boca, panos aveludados para os dedos (pois os pudicos eleitos vestem, em geral, belas togas brancas, só alguns artistas devolvem a eles a nudez da inocência do Paraiso terrestre antes da Queda)**. Algumas vezes, o Paraíso é circundado de altos muros de pedras preciosas e compreende espaços concêntricos protegidos, eles também, por muros, cada espaço mais luminoso, mais perfumado, mais saboroso, mais harmonioso, aproximando-se do centro que reside Deus e que mantem reservada a visão beatifica. O Paraíso do Gênesis era um jardim de acordo com as realidades climáticas e imaginárias dos orientais; o Paraíso do Ocidente medieval, mundo de cidades antigas e novas, foi concebido sobretudo sob forma urbana, no interior de uma muralha, tendo como modelo a Jerusalém Celestial. Esse Paraíso era estritamente reservado aos bons "batizados", sendo o batismo o passaporte necessário (mas não suficiente) para o Paraíso (LE GOFF, 2006, p. 30, grifo nosso).

Percebemos que essa geografia do *Além* reduzida aos dois lugares definitivos, Paraíso e Inferno, estabelece uma angustia para quem acredita, pois muitas vezes o desejo de ir para o Paraíso não está diretamente ligado por ser um lugar harmonioso, mas sim pelo terror ao Inferno. "O Inferno é caracterizado por um fogo sempre renascente que queima ininterruptamente os danados, emitindo apenas fumaça enegrecida e iluminando com vermelhões horríveis um mundo de trevas, de gritos, de ruídos apavorantes, de fedor" (LE GOFF, 2006, p. 28). Portanto, o homem viveria a danação eterna,

> O Juízo Final - anunciado pelo Evangelho de Mateus e pelo Apocalipse, tido por São Paulo como um elemento de fé fundamental (Heb 6,1-2) e integrado em todas as versões de credo - traça a perspectiva, no final dos tempos, da segunda vinda de Cristo, que separa os bodes e as ovelhas, enviando os maus para o fogo eterno da danação e convidando os justos a se elevarem até o reino dos céus (Mat 25) (BASCHET, 2006, p. 387).

Assim, a Igreja pregava uma mensagem evangélica, fundamentada em uma crença que era o Além dual. A humanidade tinha um destino no Além que era consequência do comportamento durante a sua vida terrena (BASCHET, 2006, p. 387). Llull (2010) destaca que dentro da sociedade muitos cometiam pecados em detrimento das vaidades mundanas, indo de encontro com a vontade divina. A vida terrena oferecia muitos prazeres imediatos, dessa forma, muitos se desviavam do propósito para qual foi criado. Diante do contexto que Ramon Llull (2010, p. 54) viveu, estando no meio de um grande número de muçulmanos e judeus ele afirma "[...] as almas dos infiéis estão escorrendo noite e dia do mundo para o fogo perdurável".

Assim, Llull assinala que a primeira intenção para a qual todos foram criados, foi para amar e conhecer Deus. Durante toda a obra, Llull buscou compreender mais de Deus, por isso, questionava-se, buscava e entendia quanto poder existia no "Todo Poderoso". Assim, queria que todos fossem conhecedores desse poder para alcançar a Glória, a Salvação, caso contrário, receberiam penas eternas, por terem se entregado ao pecado.

> O pecado estabelece a dinâmica das relações entre alma e corpo, que constituem a ' pessoa medieval' [...] a alma e o corpo vivem juntos no indivíduo em estado de contínua tensão, que por sua vez gera o pecado: aqui a carne concupiscente, fonte de impulsos dificilmente refreáveis; ali um espírito enfraquecido, assolado pelas paixões incapaz de governar sozinho o corpo que habita e tolhido em seu desejo de se voltar para o bem (CASAGRANDE; VECCHIO, 2002, p. 337).

Tratar desse tema, o pecado, é lembrar que o homem vivia constantemente em luta para não cair nos prazeres terrenos contrários à doutrina cristã. Segundo o pensamento da Igreja, o pecado já brotava no homem desde o nascimento, devido ao "Pecado Original" que tirou o homem do seu estado de perfeição para uma condição de dominação do pecado, quando Adão e Eva pecaram no Paraíso terrestre. A desobediência a Deus proporcionou ao homem viver assim, nesse constante combate. Dessa

forma, acreditar no filho de Deus, ou seja, na Encarnação é o que poderia tirar o homem desse estado de condenação. “A Encarnação desencadeia um processo de salvação, de libertação do pecado; o fim dos tempos assinala a condenação definitiva dos pecadores e a glória eterna dos não pecadores” (CASAGRANDE; VECCHIO, 2002, p. 337).

No medievo, a manifestação do Sagrado se impunha com muita naturalidade. Daí a configuração de uma sociedade com um imenso conjuntos de símbolos, ou seja, a constante necessidade de religar o alto e o baixo, criar entre o divino e o humano uma comunicação tal que eles se unam um ao outro (FRANCO JUNIOR, 2001). A luta constante do Mal e do Bem, a alma humana achava-se disputada e ao mesmo poderia contar com a ajuda de anjos,

> Nesse universo entendido como um imenso entrelaçamento de planos superpostos, o homem ocupava uma posição fundamental, pois por ter alma, pertencia ao *mundo espiritual* (mundo dos anjos e das almas), e por ter um corpo ao *mundo material* (das plantas, dos animais, etc.). Daí o destaque dado à antropologia pelo *humanismo cristão* do século XII, corrente da qual Ramon pode ser incluído (COSTA, 2006, grifo do autor).

Como veremos mais adiante, as descrições do *além* na obra Doutrina Pueril pressupõem que exista um lugar onde cada um irá de acordo com a conduta aqui em baixo. Trata-se de um local esperado no pós-morte, era uma esperança constante, a certeza de alcançar um bom lugar de descanso e delícias. No quadro a seguir, destacamos as sete virtudes que para Llull, são o caminho da Salvação.

Quadro 3 - Das Sete Virtudes que são os Caminhos da Salvação

Das Sete Virtudes que são os Caminhos da Salvação	
Da Fé	"Filho, a fé católica é crer verdadeiramente as coisas invisíveis, conveniente à religião cristã, para se perceber o que é verdade na fé sem que a razão demonstre necessariamente as coisas em que o homem crê. " A fé sobrepuja o entendimento, pois através o homem pode mais amar a Deus do que pelo entendimento lembrar de Deus (LLULL, 2010, p. 41).
Da Esperança	"A esperança é isso no qual está nossa salvação. Deus deu ao homem a esperança para que, fazendo boas obras, tenha esperança na justiça de Deus. Mas se o homem comete pecados ou faltas, que tenha contrição e esperança na misericórdia de Deus" (LLULL, 2010, p. 41).
Da caridade	"A caridade é amar a Deus e ateu próximo, a qual atenua os graves trabalhos e perigos que vêm pelo amor. E a caridade fortalece e multiplica a nobreza da coragem contra os inimigos do amor e do valor. Por isso aconselho-te a teres caridade em teu coração para que tenhas a Deus, que não entra no coração daquele que não tem caridade" (LLULL, 2010, p. 42).
Da Justiça	"A justiça é restituir a cada um o que é seu direito. Assim, filho, quando Deus quando Deus age te dando tanto e tu esperas Dele tanta misericórdia, é justa coisa que não tires Deus de ti mesmo nem os bens que te confiou, pois se tu não serves a Deus como a ti mesmo e com o que tens , tiras de Deus o que é Seu" (LLULL, 2010, p. 43).
Da Prudência	"A prudência é obra virtuosa da vontade que ama o bem e se esquiva do mal, e é obra da inteligência, que sabe distinguir o mal do bem. Assim, por tal virtude, filho, os homens têm a certeza e a maneira de fazerem boas obras e de cessarem o mal" (LLULL, 2010, p. 44).
Da Fortaleza	"A fortaleza é a força de coragem que reforça os poderes espirituais da alma. A fortaleza é o fortalecimento da alma, pelo qual é vivificada a força corporal. E a fortaleza é a nobreza e a segurança da coragem" (LLULL, 2010, p. 45).
Da temperança	"A temperança é refrear à vontade estando entre duas extremidades contrárias em quantidade. Assim, se tu, filho, desejas a temperança, convém que multipliques o menos e míngues o maior, eleves tanto o maior quanto o menos e desças o maior até o menor, até que tenhas uma virtude igual. " (LLULL, 2010, p. 46).

Fonte: Autoria própria.

Dessa maneira, o maiorquino mostra ao filho que a Salvação é uma bem-aventurança da pessoa eleita por Deus. E as Virtudes ditas acima, são luz para o caminho daquele que almeja a Salvação,

> Filho, a salvação é tão alta e nobre coisa, que o Filho de Deus, para salvar o homem, quis nascer, ser homem, suportar graves trabalhos e uma morte angustiante enquanto foi homem. Assim, como Nosso Senhor Deus Jesus Cristo quis tanto fazer e suportar para dar mais perfeitamente a salvação ao homem

> para quem é que, por mais virtude que tenha, pode ser suficiente a salvação? Ah, filho, tantos homens têm danação e pensam ser dignos de salvação! E sabes por quê? Porque comparam suas obras ás obras de Deus, que são maiores que tudo que o homem pode fazer por Deus dá mais somente uma alma, quando lhe dá salvação, que todas as criaturas que existem não poderiam dar a Deus" (LLULL, 2010, p. 47).

Como um pai preocupado com "Salvação da alma" do filho, tem a constante preocupação de instruí-lo a trilhar o caminho cristã:

> Amável Filho, a vontade de Deus é maior que a tua. Por isso, convém que Deus ame mais fortemente a tua salvação que a ti. Assim, sua Vontade convém com seu poder, que pode dar salvação a quem deseja. E como tua vontade não tem poder para dar a salvação a ti ou a outro, se Deus não amasse mais a tua salvação que ti, seria menor em querer que em poder, e isso não é verdade. **Deus te deu vontade livre para que sejas amante da salvação e desames a danação** (LLULL, 2010, p. 47, grifo nosso).

Dentre as virtudes, a mais importante, segundo São Paulo (I CO 13), era a caridade considerada a mãe de todas as outras virtudes, pois no pensamento medieval, "a caridade adquire importância considerável, pois significa, a um só tempo, o amor ao próximo e o amor a Deus, constituindo assim, o próprio fundamento do laço social e da organização da cristandade" (BASCHET, 2006, p. 377). E as outras virtudes mais importantes eram a justiça e a fé. Dessa forma, fazemos perguntas óbvias: O que levou Ramon Llull escrever esse livro? O que significava suas palavras? Essa obra tem um caráter moralizador, ou seja, o texto sem dúvida tem uma mensagem destinada a convencer os leitores, tentando mostrar que tudo aquilo que ele escreveu trata-se de "palavras verdadeiras", ou melhor, de uma mensagem "verdadeira, real", que se aceita, o homem teria bons resultados, ou seja, alcançaria o Paraíso.

Domingos, é ensinado pelo seu pai, Ramon Llull, a não se envolver com as "obras mundanas", pois, isso, comprometeria o propósito pelo qual foi criado. Mostra ao filho o quanto era necessário buscar a ajuda divina, e

declara que as virtudes (Fé, caridade, Justiça, Prudência, Fortaleza, Temperança) foram criadas por Deus para ajudar o Homem a alcançar a Salvação, ao contrário do que seria os vícios (Gula, Luxúria, Preguiça, Avareza, Soberba, ira, Inveja), por exemplo, a luxúria que "que é a sujeira do corpo e do pensamento, pela qual sujeira, castidade e virgindade são eleitas" (LLULL, 2010, p.19), que levaria o homem para os infinitos tormentos:

> [...] caridade, para que O ames, ames a ti mesmo e a teu próximo; suplica justiça, para que temas a justiça de Deus, e para que tu mesmo te julgues neste mundo, para suportares trabalhos por amor de Deus e para satisfazeres tuas culpas; suplica a Deus a luz da sabedoria para que ilumine tua alma nos caminhos de Deus, e para que saibas e desejes iluminar aqueles que estão nas trevas; suplica a Deus fortaleza contra a gula, luxúria, a avareza, a inveja, a acídia, o orgulho, a ira; e suplica temperança em teu comer, beber, falar, vestir, gastar, dormir e acordar. Filho, saibas que melhor coisa é, sem toda comparação, suplicar a Deus as virtudes antes ditas, que suplicar saúde, vida, dinheiros, honramentos, filho, filhas, possessões ou outras coisas semelhantes a essas, pois por todas essas coisas, o homem pode estar na ira de Deus e caminhar para infinitos tormentos, e pelas virtudes, o homem vai ser bem-aventurado na glória celestial que dura todos os tempos (LLULL, 2010, p. 71).

O grande ministério da vida seria que o homem encontraria após a morte, assim, a geografia do Além passou por grandes transformações. Segundo Baschet (2006), quando trata sobre o sofrimento que o homem viveria após a morte, afirma que a maior pena é a danação, ou seja, a privação de Deus. O homem nunca veria a Deus, mas seria eternamente atormentado, sofrendo também as penas corporais, seja queimado pelo fogo, sofreria penas de acordo com o pecado cometido. Llull (2010) diz ao seu filho que depois da morte, o homem se aproximaria de Deus ou seria aprisionado no "eterno fogo infernal".

> A danação é perder a glória celestial perdurável e ficar submetido a suportar as penas infernais que não têm fim. Assim, através dos sete Pecados mortais ditos acima, saibais, filho, que os homens têm danação. Deus dana quem quer, mas sua vontade não quer danar sem razão nenhum homem. Sabes por quê? Porque razão e justiça se convém. E como a vontade e a justiça de Deus são

> uma mesma coisa, Nosso Senhor Deus não dana nenhum homem que não seja culpado (LLULL, 2010, p. 52).

Outro ponto importante destacado nos escritos em Llull seria a propagação da mensagem cristã para alcançar as outras pessoas. Dessa maneira, Llull instruía o seu filho que além de cuidar de si, deveria ter a preocupação de que as outras pessoas também seguissem a doutrina cristã. Sobre isso, afirmava que:

> E para a Salvação de seu próximo, aprenderia a linguagem, se houvesse quem o ensinasse iria pregar a palavra de Deus, se houvesse quem o enviasse, mas não há quem estabeleça mosteiros organizados para aprender diversas linguagens, nem existe quem envie os frades. O verdadeiro religioso é luz e exemplo as gentes (LLULL, 2010, p. 70).

Ramon Llull viveu em uma época extremamente conturbada, os séculos XIII e XIV foram séculos de epidemias, guerras, de crise (LE GOFF, 2007.p. 38). E, seus escritos são importantes, pois continham ensinamentos importantes para a ideologia da época. Dessa forma, tais textos eram importantes veículos para a propagação de concepções teológicas, modelos de comportamento, padrões morais e valores (SOUZA, 2011, p. 10). Para o filósofo, em seu tempo, estava escasso de pessoas para anunciar a palavra de sua fé: "Não estamos nos tempos de milagres, pois a devoção de converter o mundo era maior nos apóstolos que é agora, no mundo em que estamos, nem razões fundadas sobre autoridades os infiéis recebem" (LLULL, 2010, p 70). Esse autor utiliza de uma linguagem constante ao se referir ao "Criador", traçando um meio de envolver o leitor em uma compreensão racional demonstrando que em Deus não há ausência de Nobreza, nem de Perfeição, de Bondade, de Grandeza, de Eternidade, de poder, de Sabedoria, de Vontade, de Virtude. Tudo isso, reflete que em Deus não existe imperfeições, pois, Ele é todas as coisas desde a Bondade até a Eternidade.

Llull (2010) sempre explica ao filho sobre a finitude da vida, mostra que a morte corporal é a separação do corpo e da alma e a morte espiritual

acontece na alma que se distancia de Deus. Por isso, existiria duas mortes: a primeira, seria a morte corporal, que aproxima a alma virtuosa de Deus e que iria para o Paraíso quando o corpo morresse. E segunda morte é a espiritual, que existe na alma pecadora e aprisiona o corpo para suportar o eterno fogo infernal, e o submete a infinitos trabalhos.

> A morte corporal é separação do corpo e da alma e a morte espiritual acontece na alma que se distancia de Deus. Por isso, filho existem duas mortes. Assim a morte corporal aproxima a alma virtuosa de Deus que vai para o Paraíso quando o corpo morre. E a morte espiritual que existe na alma pecadora aprisiona o corpo para suportar o eterno fogo infernal, e o submete a infinitos trabalhos (LLULL, 2010.p. 76).

Ramon Llull (2010) ensina a importância do Sacramento, o Batismo, que significava purificar o homem da culpa do pecado, ou seja, da culpa original, pois todos já nasciam com a natureza pecaminosa e por meio do Batismo que se entregaria ao total serviço de Deus e da Igreja Católica, renunciando sua vida dos "demônios" se tornando um verdadeiro cristão "seguindo o caminho de Nosso Senhor Jesus Cristo".

> Filho o Batismo de sangue é coisa tão nobre e tão maravilhosa, que purifica o homem de toda culpa e pecado, pois o bem-aventurado mártir que morre para amar e honrar a Santa Fé Católica não poderia atormentar mais seu corpo, nem se dar mais como quando se dá morte para honrar seu glorioso Deus (LLULL, 2010, p. 22).

Desse modo, para que o homem e a mulher se aproximassem de Deus, os sacramentos foram importante criação da Igreja, visto que era difícil o contato com Deus, pois, trata- se de experiência subjetiva, assim por exemplo, o batismo além de ser importante para Salvação também era importante para essa aproximação do homem com Deus.

> Filho, sabes por que nenhum homem merece a glória, por mais que seja virtuoso? Porque Deus é a Gloria e é melhor, sem qualquer comparação, que o homem por si mesmo ou por qualquer virtude ou virtudes que tenha. Assim, está significação que todo homem pecador merece a pena infernal. Sabes por

> quê? Porque perder Deus é pena infernal e nenhum homem pecador merece ter Deus, pois se os homens justos, por mais virtudes que tenham, não merecem ter Deus, quanto mais os homens pecadores e injustos (LLULL, 2010, p. 52).

Segundo Llull (2010, p. 78), a educação é acostumar o outro ao hábito mais próprio a obra natural. Pois, assim como a natureza segue seu corpo e não se desvia de sua obra, as crianças, no princípio, acostumam-se a boa educação ou a má. Para ele, existem duas maneiras de educar: uma pertence ao corpo e a outra a alma. Aquela que é do corpo é feita nos cinco sentidos corporais: ver, ouvir, cheirar, degustar e apalpar. A educação espiritual é feita nas três propriedades da alma, isto é, na memória, no entendimento e na vontade. Dessa forma, ensinava também como deveria ser a oração.

> Amável filho, a oração existe de três maneiras: a primeira é quando a alma lembra, entende e ama a Deus, porque adora a Deus; a segunda é quando a boca nomeia ou fala o que a alma lembra, entende e ama; a terceira quando o homem, fazendo boas obras, cogitando e amando o bem, faz a oração a Deus, suplica a Deus fortaleza contra a gula, a luxúria, a avareza, a acídia, o orgulho, a ira, e suplica temperança, e, comer, beber, falar, vestir, gastar, dormir e acordar (LLULL, 2010. p. 71).

Vimos no capítulo anterior, como a educação medieval tinha um currículo educacional, estavam preocupados com a ciência, mas nada era tão importante como o caráter religioso e objetivo de Salvação da alma, aspecto esse determinante para as relações da vida terrena. Por isso, a obra *Doutrina Para Crianças* do começo ao fim tem caráter predominante de Religiosidade. Essa obra Ressalta aspectos fundamentais para compreendermos como o homem medieval se comportava diante de seu mundo.

É importante assinalar que após o Juízo Final somente haveria dois destinos, Paraíso e o Inferno, permaneceriam. “Aquele que vive no prazer sobre a terra deverá padecer as penas do outro mundo, enquanto aquele que sofre aqui embaixo conhecerá a felicidade além-túmulo” (BASCHET, 2006, p. 378). Sobre essas localizações, gostaríamos de enfatizar que antes

do Juízo Final, os lugares que foram consolidados durante a Idade Média foram cinco Lugares do Além, que seria o Paraíso, Inferno, os dois Limbos e o Purgatório,

> O inferno está no meio de um lugar que fica dentro do coração da terra, e tal lugar é trancado fechado, e ali existe pena por todos os tempos. Essa pena acontece em quatro lugares: um é o inferno, onde estão os danados que nunca sairão; outro é o inferno que é chamado Purgatório, no qual o homem faz penitência porque não a cumpriu neste mundo; o terceiro Inferno é o lugar onde entraram os profetas antes que o Filho de Deus fosse encarnado, e esse Inferno é chamado Abraão; o quarto Inferno é aquele onde entraram as crianças que morreram e não foram batizadas (LLULL, 2010, p. 87).

Assim, o Inferno era um lugar definitivo, descrito com muito horror, onde haveria muitos gritos de lamento, com monstros, demônios, seria um verdadeiro tormento eterno. O purgatório era considerado como um lugar de penas passageiras,

> Na tua oração, não esqueças os mortos que estão no purgatório, os quais suportam graves trabalhos pelos pecados que fizeram, nos quais trabalhos são ajudados, neste mundo, pelos vivos, quando pedem por eles e quando dão esmolas pelo amor de Deus, a oração é a elevação devota, piedosos pensamentos a Deus, pedir a eterna bem-aventurança ou suplicar a Deus os bens que convém a esta vida temporal (LLULL, 2010, p. 56).

Como atestou Le Goff (2007), o Purgatório estava localizado entre o Inferno e o Paraíso, depois da morte ainda se teria uma chance para se redimir dos pecados e alcançar a Salvação. A alma poderia ser ajudada por sufrágios dos que ainda estavam vivos, era momento em que a alma poderia se purificar, os castigos seriam temporários, um momento transitório das almas, sendo este lugar extinto no Juízo Final.

> A partir do final do século XII, a igreja instituiu, para o período situado entre a morte individual e o Juízo Final, um lugar de espera para os cristãos que não tivessem sido completamente "expurgados" de seus pecados, através de castigos particulares parecidos com inferno, e poderiam se libertar graças às

> orações, a esmola e as missas de seus parentes e amigos que ficaram na terra, e graças à igreja. Esse lugar foi chamado de purgatório (LE GOFF, 2007, p. 81).

Já o Paraíso seria o lugar de grande harmonia, paz, o encontro verdadeiro com Deus, somente os que tivessem levado a vida com um bom comportamento. Isto é, cumprido a doutrina cristã, poderia desfrutar desse lugar eternamente, com muitos cantos e eternamente ao lado do seu criador (LE GOFF, 2007). Ramon Llull (2010) tem como modelo a ser seguido Jesus Cristo, assim tenta ensinar ao seu filho de maneira enfática, um caminho simples para ser trilhado, obedecendo aos preceitos cristãos, procurando a Deus acima de qualquer coisa.

Considerações Finais

A nossa intenção, neste trabalho, foi analisar a proposta de Educação desenvolvida pelo filósofo Ramon Llull na obra *Doutrina para Crianças*. Percebendo que a Educação Medieval assumia uma proposta maior, ou seja, estava atrelada à Fé. A crença na vida pós-morte assumiu uma posição central na vida e no comportamento do homem medieval, determinou assim como deveria ser o comportamento em sua vida terrena.

Vimos que a educação possuía um currículo educacional, com sua base fundamentada nas sete artes liberais, é claro que tinham uma preocupação com a ciência, mas o forte pensamento religioso da época, levava aquela sociedade a pensar sempre no local após a morte, Paraíso ou Inferno. A educação tinha como objetivo aperfeiçoar o homem, de acordo com uma conduta cristã, incutir no homem desde cedo a prática das virtudes, e o desprezo

Ramon Llull foi é um exemplo típico daquele período, deixou mais de 280 obras, que revelam uma das faces da sociedade medieval, a forte admiração religiosa, a fé acima de qualquer coisa. O céu tinha seu valor espiritual, as imagens tinham uma função pedagógica de ensinar quem não sabia lê, imagens do céu, dos anjos, de certa forma estavam ali para consolidar essa visão espiritual de tudo, do mundo.

A espiritualidade está presente desde o início da História, são os homens sempre preocupados com seu destino final. A suposta existência de uma vida pós-morte muda complemente a conduta da vida terrena. O *Além* ganhou as suas novas interpretações ao longo do tempo, cada sociedade adapta-se conforme a suas crenças. Não importa se hoje vivamos um cotidiano agitado, tecnológico, ou científico, algumas pessoas seguem acreditando no sobrenatural. O mundo espiritual continua existindo para muitos indivíduos, as preces, as orações não perderam seu valor.

Observou-se que se há um além e este além é um lugar, existe uma geografia do além, e esses espaços estavam determinados de acordo com a conduta terrena. O Paraíso era um lugar harmonioso, lugar para os bons. O Purgatório era lugar transitório, em que o homem teria uma oportunidade para se arrepender. E o Inferno era o local mais temido, as pessoas não queriam ir para lá, a mensagem sobre este local era sempre de pavor, fogo, a presença dos demônios. Desse modo, a Igreja usou um discurso que gerou no Imaginário da sociedade medieval o medo do Inferno.

Compreender um pouco desse Imaginário do homem medieval é saber que naquela época viveram homens como nós, que tiveram seus medos, angústias e desesperam, sabiam que a vida era finita, mas isso não impediu que eles acreditassem que a morte não era o fim, tinham esperança de uma vida no Além. Essas representações coletivas, os homens constroem para dar sentido a sua existência no mundo.

Por meio da obra *Doutrina para Crianças*, foi possível perceber rastros da sociedade medieval, marcada pela religiosidade, assim como entender que a educação tinha como principal fundamento, ensinar o homem a "Amar, temer e servir a Deus". Por fim, compreendemos que durante a História há muitas rupturas nas estruturas sociais, mas quando falamos em religiosidade, olhamos para nossa sociedade, ao nosso redor e conseguimos ver a presença, a continuidade dessa atmosfera "espiritual".

Referências

Fontes primárias

LÚLIO, RAIMUNDO, **Félix, ou, O livro das Maravilhas**, parte I. São Paulo: Editora Escala, 2009.

LLULL, Ramon. **Doutrina para crianças**. Trad. de Ricardo da Costa, e Grupo de Pesquisas Medievais da UFES III. Editorial Ivitra, 2010.

_____. **Vida Coetânea.** (Trad. Ricardo da Costa) publicado na Internet: https://www.ricardocosta.com/sites/default/files/pdfs/vidacoetania.pdf. 1311. Acesso em 29/08/2019.

Estudos

BARROS, José D'Assunção. **O campo da História**.4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

BASCHET, Jérôme. **A Civilização Feudal:** do ano mil à colonização da América. São Paulo: Globo, 2006.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução de Ney Brasil Pereira et al. São Paulo: PAULUS, 2015.

CASAGRANDE, Carla; VECCHIO, Silvana. Pecado. In: LE GOFF; SCHMITT, Jean-Claude (Coord). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: EDUSC; São Paulo: Imprensa Oficial SP, 2002, v. 2, p. 337-351.

COSTA, Alex Silva; ZIERER, Adriana. O "espelho de Cristo: a representação criptológica de São Francisco de Assis". In: ZIERER, Adriana; VIEIRA, Ana Lívia; ABRANTES, Elizabeth S. (Org.). **Nas Trilhas da Antiguidade e Idade Média**. São Luís: Editora: UEMA, 2014, p. 35-44.

COSTA, Ricardo da. Maiorca e Aragão no tempo de Ramon Llull (1250-1300). **Mirabela**. Vitória/Barcelona, v. 1, 2001, p. 162-175. Disponível em: http://www.ricardocosta.com/artigo/maiorca-e-aragao-no-tempo-de-ramon. Acessado em 12 de mar. 2015

_____. A educação Infantil na Idade Média. In: LAUAND – Revista **Videtur**: Editora Mandruvá**,** 2002, p. 13-20. Disponível em: <http://www.ricardocosta.com/artigo/educacao-infantil-na-idade-media>. Acessado em: 15. Fev. 2015.

_____. A educação na Idade Média a busca da sabedoria como caminho para a felicidade - Al-Farabi e Ramon Llull. In:_____. **Dimensões**. Revista de História da UFES. v. 15. **Vitória**: EDUFES, 2003, p. 99-115. Disponível em: <http://www.ricardocosta.com/artigo/educacao-na-idade-media-busca-da-sabedoria-como-caminho-para-felicidade-al-farabi-e-ramon>. Acessado em: 16. abr. 2015.

_____. A Morte e as Representações do Além na Idade Média: Inferno e Paraíso na obra Doutrina para crianças (c. 1275) de Ramon Llull. In: **Anais Eletrônicos do IV Encontro da ANPUH-ES - História, Representações e Narrativas.** Vitória, 2003.

_____. **A noção de pecado e os sete pecados capitais no livro das Maravilhas (1288-1289) de Ramon Llul**. In: FILHO, Ruy de Oliveira Andrade (org.). Relações de poder, educação e cultura na Antiguidade e Idade Média. Estudos em Homenagem ao Professor Daniel Valle Ribeiro - I CIEAM - VII CEAM. Santana de Parnaíba, SP: Editora Solis, 2005, p. 425-432. Disponível em: </artigo/nocao-de-pecado-e-os-sete-pecados-capitais-no-livro-das-maravilhas-1288-1289-de-ramon-llull>. Acessado em: 12 fev.2015.

_____. "A criação da ciência universal: Ramon Llull e as premissas de sua Arte". In: Santiago, Homero (Coord.). **Discutindo Filosofia**.3. São Paulo: Editora Escala, 2006. Disponível em: <http://www.ricardocosta.com/artigo/criacao-da-ciencia-universal-ramon-llull-e-premissas-de-sua-arte>. Acessado em: 16 mar. 2015.

_____. A experiência religiosa e mística de Ramon Llull: a infinidade e a eternidade divinas no livro da contemplação (c. 1274). In: **Cintila**- Revista de Filosofia e Mística Medieval. Curitiba: Faculdade de Filosofia de São Boaventura (FFSB), vol.3, n.1, Jan/jun. 2006, p. 107-133. Disponível em: <http://www.ricardocosta.com/artigo/experiencia-religiosa-e-mistica-de-ramon-llull-infinidade-e-eternidade-divinas-no-livro-da> Acesso em: 15 Abril. 2015.

_____. **Las definiciones de las siete artes liberales y mecánicas en la obra de Ramón Llull.** Anales del Seminario de Historia de la Filosofía, v. 23, p. 131-164, 2006.

_____. A educação na Idade Média: A "retórica nova" (1301) de Ramon Llull. In: OLIVEIRA, Terezinha; MELO, José Joaquim Pereira. (Org). **Pesquisa em Antiguidade e Idade Média**: olhares interdisciplinares. v. 2. São Luís, MA: Ed. UEMA, 2008, p. 99-109.

_____. "Maomé foi um enganador que fez um livro chamado Alcorão": a imagem do profeta na filosofia de Ramon Llull. **Revista Notudam**. São Paulo, n. 27, p. 19-35, set-dez. 2011. Disponível em: <http://www.ricardocosta.com/artigo/maome-foi-um-enganador-que-fez-um-livro-chamado-alcorao-imagem-do-profeta-na-filosofia-de>.Acessado em: 23 de mar. 2015

_____; SILVEIRA, Sidney. In: Simpósio de Filosofia Patrística e Medieval, 2, 2013. São Paulo**. Conferência**... São Paulo: Faculdade São Bento, 2013. Disponível em: <http://www.ricardocosta.com/artigo/como-deus-e-ciente-em-sua-essencia>. Acessado em: 12 de mar. 2015

_____; ZIERER, Adriana. "Boécio e Ramon Llull: a Roda da Fortuna, princípio e fim dos homens".In: FIDORA, Alexander; NIEDERBERGER, Andreas (Edit.). Revista **Convenit Internacional**, 5. Herausgegeben vom Forschungsproj ekt Di e Umbrüche in der Wi ssenskul tur des 12. und 13. Jahrhunderts, 2014. Disponível em:<http://www.hottopos.com/conveni t5/08.htm>.Acesso em: em 22 de abr. 2015

DOMÍNGUES REBOIRAS, Fernando. **A Espanha Medieval**: Fronteira da Cristandade, 2012: Disponível em :<http:/www. Hottopos.com/ mirand10/ reboirras. Ht>. Acessado em : 23 abr. 2015.

DUBY, Georges. **A História Contínua**. Portugal: ASA, 1992.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente 1300-1800:** uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FAURE, Philippe. Anjos. In: GOFF, Jacques Le; SCHMITT, Jean-Claude (Coord). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: EDUSC/ Imprensa Oficial SP, 2002, v. 1, p. 69-81.

FEBVRE, Lucien. **A Europa: gênese de uma Civilização**. Trad. Ilka Stern Cohen,Bauru, São Paulo: Edusc, 2004

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média**: nascimento do ocidente, São Paulo: Brasiliense, 2001.

GILSON, Etienne. **A Filosofia na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GOMES, Flávia Santos. **A Educação nas obras de Ramon Llull (1232-1316)**: uma proposta para a salvação da alma. Monografia de Conclusão de Curso em História. São Luís: Universidade Estadual do Maranhão, 2007.

_____; ZIERER, Adriana. *Vida Coetânea* (1311): Ramon Llull e o ideal de bom cristão. In: ZIERER, Adriana; VIEIRA, Ana Lívia; ABRANTES, Elizabeth S. (Orgs.). **Nas Trilhas da Antiguidade e Idade Média**. São Luís: Editora: UEMA, 2014, p. 167-172.

LE GOFF, Jacques (dir.). **O Homem Medieval**. Lisboa, Editorial Presença, 1989.

_____. **O Imaginário Medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

_____. **São Francisco de Assis**. 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

_____. **A Civilização do Ocidente Medieval**. São Paulo: Edusc, 2005.

_____**. Raízes Medievais da Europa**. Rio de Janeiro: Jose Olímpio, 2006.

_____. **Uma História do corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. Além. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (Coord). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: EDUSC; São Paulo: Imprensa Oficial SP, 2006. p. 21-34.

_____. **A Idade Média contada aos meus filhos**. Trad. de Hortencia Lencastre. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

_____. **O Deus da Idade Média: conversas com Jean-Luc Pouthier**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

_____**. Os intelectuais na Idade Média**. 6ªed. Rio de Janeiro: Jose Olímpio, 2014.

LEMOS, Tatyana Nunes. **Pregação e cruzada:** a conversão dos infiéis nos poemas de Ramon Llull (1232-1316). Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História Social

das Relações Políticas do Centro de Ciências Humanas e Naturais) Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2010.

LOBRICHON, Guy. Bíblia. In: GOFF, Jacques Le; SCHMITT, Jean-Claude (Coord). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: EDUSC; São Paulo: Imprensa Oficial SP, 2002, v. I, p. 105-116.

MELO, José Joaquim Pereira. A educação em Santo Agostinho. In: OLIVEIRA, Terezinha. **Luzes na Idade Média. Maringá**: Eduem, 2002, p. 65-78.

NUNES, Rui Afonso da Costa. **História da Educação na Idade Média**. São Paulo: EDUSP, 1979.

OLIVEIRA, Terezinha (Org). **Religiosidade e educação na história**. Maringá: Eduem, 2010.

PESAVENTO, Sandra. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

SCHMITT, Jean-Claude. **Os vivos e os mortos na sociedade medieval.** Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. Corpo e Alma. In: LE GOFF; SCHMITT, Jean-Claude (Coord). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: EDUSC; São Paulo: Imprensa Oficial SP, 2002, v. 1, p. 253-267.

_____. Clérigos e Leigos. In: LE GOFF; SCHMITT, Jean-Claude (Coord). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: EDUSC; São Paulo: Imprensa Oficial SP, 2002, v. 1, p. 236-251.

SOT, Michael. Peregrinação. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (Coord). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: EDUSC; São Paulo: Imprensa Oficial SP, 2002, v. 2, p. 353-366.

SOUZA, Ana Aparecida Arguelho de. Literatura e História na Educação Medieval. **Mirabilia**, Vitória/Barcelona, v. 13, n. 2, p. 6-26, jun./dez. 2011. Disponível em: http://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2011_02_01.pdf Acesso em 12 mar. 2012.

VAUCHEZ, André. **A Espiritualidade na Idade Média Ocidental**: (séculos VIII a XIII). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

VENTORIM, Eliane. **As ideias e a apologética de Ramon Llull (1232-1316) sobre a cruzada na Terra Santa**. Dissertação de Mestrado em História Social das Relações Políticas. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2008.

VERGER, Jacques. **Cultura, ensino e sociedade no Ocidente nos séculos XII e XIII**. São Paulo: EDUSC, 2001.

_____. **Homens e saber na Idade Média**. São Paulo: EDUSC, 1999.

WOOR JR, Thomas E. **Como a Igreja construiu a civilização Ocidental**. Tradução de ElcioCarillo. São Paulo: Quadrante, 2008.

ZIERER, Adriana. **Da ilha dos bem-aventurados á busca do Santo Graal**. São Luís: Ed. UEMA, 2013.

_____. "Paraíso versus Inferno: A *Visão de Túndalo* e a Viagem Medieval em busca da Salvação da Alma (Século XIII) ". In: FIDORA, Alexander e PASTOR, Jordi Pardo (Coord). Expresarlo Divino: Lenguage, Arte y Mistica. **Mirabilia**. Vitória/Barcelona,v.2, 2002. Disponível em:<http://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2002_12.pdf>. Acesso em 12 mar. 2015.

_____. "Aspectos Educacionais da Salvação Cristã na *Visão de Túndalo*". In: OLIVEIRA, Terezinha e VISALLI, Angelita M. **Pesquisas em Antiguidade e Idade Média**: Olhares Interdisciplinares. São Luís: Ed. UEMA, 2007, p. 298-308.

A Editora Fi é especializada na editoração, publicação e divulgação de pesquisa acadêmica/científica das humanidades, sob acesso aberto, produzida em parceria das mais diversas instituições de ensino superior no Brasil. Conheça nosso catálogo e siga as páginas oficiais nas principais redes sociais para acompanhar novos lançamentos e eventos.

www.editorafi.org
contato@editorafi.org